

A BUSCA DO OUTRO E DE NÓS

UM PROJETO
DE HISTÓRIA ORAL
PARA O CAMPO
DO ENSINO
DE HISTÓRIA



RAQUEL ALVARENGA SENA VENERA
JULIANA ALVES DE ANDRADE
(Organizadoras)

RAQUEL ALVARENGA SENA VENERA
JULIANA ALVES DE ANDRADE
(Organizadoras)

A BUSCA DO OUTRO E DE NÓS

UM PROJETO
DE HISTÓRIA ORAL
PARA O CAMPO
DO ENSINO
DE HISTÓRIA



ABEH

Associação Brasileira de Ensino de História

1ª Edição, 2022

ORGANIZADORAS:

Raquel Alvarenga Sena Venera
Juliana Alves de Andrade

COLETIVO DE AUTORES:

Aléxia Pádua Franco
Arnaldo Pinto Junior
Augusto Ridson de Araujo Miranda
Bruna de Souza Medina
Cristiano Nicolini
Erinaldo Cavalcanti
Gustavo Henrique Cardoso Nart
Jacqueline Zabarto
Juliana Alves de Andrade
Nadia Gaiofatto Gonçalves
Raquel Alvarenga Sena Venera
Sonia Wanderley

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO DA ABEH

Aléxia de Pádua Franco (UFU)
Ana Zavala (CLAEH – Uruguai)
Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro (UFRJ)
Arnaldo Pinto Jr. (UNICAMP)
Fernando Seffner (UFRGS)
Fernando de Araújo Penna (UFF)
Gonzalo de Amézola (UNTREF - Argentina)
Graciela Rubio (Univ. Valparaíso - Chile)
Marisa Massone (UBA – Argentina)
Mauro Cezar Coelho (UFPA)
Osvaldo Cerezer (UNEMAT)
Raquel Alvarenga Sena Venera (Univille)
Sandra Regina Ferreira de Oliveira (UEL)
Sebastián Plá (UNAM - México)
Valéria Filgueiras Dapper (UFMT)

© 2022,

Revisão

Elita de Medeiros

Projeto gráfico, diagramação e capa

Rita Motta – Ed. Tribo da Ilha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

B977 A busca do outro e de nós : um projeto de história oral para o campo do ensino de história / organizadoras Raquel Alvarenga Sena Venera, Juliana Alves de Andrade. [s.l.] : Associação Brasileira de Ensino de História, 2022.

Vários autores.
ISBN 978-65-992865-3-7 (digital)

1. História oral. 2. História - Metodologia. 3. História - Estudo e ensino. 4. Professores. I. Venera, Raquel Alvarenga Sena. II. Andrade, Juliana Alves de.

CDD 907.2

Elaine Cristina Itner Voidelo - CRB9/1239

Índices para catálogo sistemático:

1. Pesquisa histórica 907



Esta obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-
-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.



Sumário

Prefácio.....	7
Apresentação.....	9
Histórias de vidas e memórias de professoras/es do campo do Ensino de História	13
Concepções de Memória e de Identidade	17
Procedimentos metodológicos de História Oral – escolhas	27
O projeto <i>Histórias de Vidas e Memórias das Professoras/ es do campo do Ensino de História: aspectos básicos</i>	29
Objetivo geral e hipótese do projeto.....	30
Critérios de inclusão das/os entrevistadas/os.....	30
O projeto <i>Histórias de Vidas e Memórias das/os Professoras/es do campo do Ensino de História: aspectos metodológicos</i>	31
Preparação das entrevistas.....	31
Elaboração coletiva do roteiro semiestruturado	32

<i>As entrevistas</i>	<i>35</i>
<i>Mediações e cuidados com as entrevistas presenciais ou no contexto de uso da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC).....</i>	<i>38</i>
O trabalho pós-entrevista: a construção do acervo	40
<i>Os cuidados com a transcrição</i>	<i>41</i>
Cuidados com a criação do acervo digital	50
APÊNDICE A – Fluxograma das Atividades dos Entrevistadores.....	58
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	59
APÊNDICE C – Autorização para Uso de Imagem	61
APÊNDICE D – Formulário de Dados da/o Entrevistada/o e da Entrevista	62
APÊNDICE E – Registro de Fotografias e Imagens.....	64
APÊNDICE F – Aprovação da Entrevista Oral	65
Referências.....	66
Apresentação das/os autoras/es.....	70



Prefácio

A existência da ABEH resulta da construção de uma comunidade de sentido, de trabalho, de construção de um lugar ou de um entre-lugar no universo do conhecimento e na esfera da Educação. Trata-se, também, de uma comunidade de afetos, reconhecimento mútuo e, conseqüentemente, de identidade, fator indispensável na construção da coletividade.

A ABEH é, portanto, dentre várias outras funções e definições, uma fermenta dessa comunidade para promover atos e momentos de congregação e fortalecimento da sua identidade e missão, bem como para fomentar acúmulo de discussão, conhecimento, planos e realização de ações de intervenção coletiva nos espaços públicos em que o tema do ensino de História é demandado ou desafiado. Podemos entender a ABEH, por fim, como uma incubadora de iniciativas coletivas, criando ocasiões propícias e condições para que possam ser trazidos à luz resultados de trabalhos coletivos que, de outra forma, não seriam satisfatórios ou talvez nem mesmo possíveis. Essa vocação de promover a sinergia entre os membros da comunidade de professores pesquisadores do Ensino de História é que tem permitido o enfrentamento de vazios de conhecimento e gargalos de organização impostos pelos desafios cujo tamanho supera largamente a força dos indivíduos ou de pequenos grupos.

O livro que o leitor tem em mãos é um dos resultados dessa sinergia de pessoas associadas que se dispuseram a enfrentar tarefas históricas para o nosso campo. No caso, a tarefa de ouvir e registrar a palavra de pessoas que,

sem as quais, essa comunidade não existiria. Trata-se de uma empreitada aparentemente óbvia para comunidades que estão envolvidas com a reflexão histórica e didática, mas a experiência humana tem mostrado que nem sempre as coisas foram como deveriam ser, e não é à toa que a sabedoria popular forjou o ditado *casa de ferreiro, espeto de pau*. Graças aos pesquisadores, amigas e amigos que compõem o coletivo que produziu essa obra, a ABEH começa a fazer a sua parte para escapar da sina dos ferreiros e de outros profissionais que, em casa, deixam faltar o que se espera de sua profissão.

Conscientes dos tempos em que vivemos, os participantes do projeto que gerou este livro, entre tantos outros resultados, entendem que não se trata de uma empreitada de conhecimento, simplesmente. Mesmo para benefício da dimensão cognitiva deste trabalho, a abertura, o reconhecimento e o destaque das dimensões política e afetiva foram imprescindíveis.

Este livro, como o projeto que o abarca, vem sendo feito com amor. Amor ao conhecimento, amor às pessoas que são os sujeitos desse conhecimento, amor aos que herdarão os frutos, amor e compromisso político. Talvez agora mesmo, ou daqui alguns anos, os leitores desse prefácio acabem por encontrar pieguice nesse último parágrafo. Bom seria que não, mas a escolha será deles, e que bom que é assim! Quem hoje luta com todas as forças contra o escuro do esquecimento, amanhã será alcançado na escuridão por alguém com uma chama iluminadora. Resta apenas pedir, como Brecht (2012), aos que virão depois de nós: “Vós, porém, quando chegar o momento/ em que o homem seja bom para o homem, / lembrai-vos de nós/ com indulgência”. E que nós, que estamos na ponte e entre os que vieram e os que virão depois nós, que saibamos atender a esse pedido.

*Luis Fernando Cerri,
presidente da ABEH*



Apresentação

*“A busca do outro só se
faz a partir de nós mesmos”*

(DINES, 2006, p. 176).

*“O outro é constitutivo do ‘eu’.
Enfim, sem o outros eu não existo e vice-versa”*

(COUTINHO, 2006, p. 195).

Essas epígrafes, do jornalista Alberto Dines e do cineasta Eduardo Coutinho, explicam o interesse dos biógrafos ou das pessoas que se interessam em ouvir as histórias das gentes. No caso deste livro, trata-se de um esforço coletivo de profissionais da História que atuam no campo do Ensino de História e que se dispuseram a ouvir seus pares que vieram antes. Fazem parte de um campo híbrido, nem História e nem Educação. Talvez uma epistemologia do entremeio, um entre-lugar dialógico com riquezas interdisciplinares. E é desse lugar, de identidades borradas ou indefinidas, que se busca a escuta dos pesquisadores de um tempo anterior.

Este livro é um registro inicial desse esforço de organização de um acervo sobre as histórias de vidas e memórias de pesquisadoras/es do Ensino de História – profissionais que ousaram propor e discutir o ensino da História como campo de pesquisa e produção de conhecimentos. Vale a pena registrar

que se entende *campo* na perspectiva de Bourdieu (1980), que o concebe como categoria teórica delimitada pelos valores que lhe dão sustentação.

No intenso fluxo de informações do contexto atual de tecnologia e comunicação, é comum, em um mesmo grupo, conviver com diferentes tipos de narrativas, assim como algumas delas ocuparem uma centralidade e maior aceitação social como verdade. Ampliar o número de autores de memórias significa abrir espaço para um múltiplo dessas versões narrativas e criar maior possibilidade de revisão de valores e inclusões de narrativas sobre um mesmo fato. E nesse contexto, a *Associação Brasileira de Ensino de História* (ABEH) se esforça para organizar as fontes de registro da história do Ensino de História. Aposta na conquista democraticamente de um mundo onde as histórias de pessoas comuns se tornem parte da História. Como considerar as formas como as subjetividades dos profissionais da História se fazem nesse contexto contemporâneo, em um campo específico, no interior e em um entre da História e da Educação? E como se subjetivam os corpos nesse campo de pesquisa? Como essas histórias de vidas podem compor parte da própria História do campo?

Assume-se, neste livro, que a História possui múltiplas vozes e sem hierarquia: cada voz é igualmente partícipe de uma teia social. Nessa teia, as identidades são construídas em forma rizomática. Dizendo de outra forma, este livro aposta no fortalecimento do senso de pertencimento a um campo, somando a possibilidade de os sujeitos se fazerem ouvir. Dessa forma, sustenta três frentes diante do grande sentido social que um projeto de memória pode adquirir: (i) a escolha epistemológica da História Oral como opção política, entendendo que toda História é uma articulação narrativa de passagens de vida que ficaram marcadas; (ii) o compromisso com a proposta da memória em rede para que as histórias de vida possam ocupar uma dimensão múltipla; ou seja, entender a sociedade como uma grande teia em que cada um pode registrar sua visão; e (iii) a escolha do recorte empírico como opção subjetiva, em uma aposta de que contar e ouvir histórias de vidas como partilha de uma experiência e possibilidade de narrar um presente e um campo de pesquisa.

Este livro nasce no desenvolvimento de uma pesquisa intitulada *Histórias de vidas e memórias de pesquisadoras/es do campo do Ensino de História*,

que tem como problemática central a organização e consolidação de uma ampla rede de Histórias de Vida das/os pesquisadoras/os do Ensino de História. Essa problemática aposta na potencialidade epistemológica dos mecanismos (auto)biográficos; na defesa das Histórias de vida como valor heurístico; e no sonho político do qual nos fala Paul Thompson (2006, p. 41): “Nunca se deve subestimar o poder do compartilhamento da experiência humana”.

O primeiro capítulo, intitulado *Histórias de vidas e memórias de professoras/es do campo do ensino de História*, reflete acerca das apostas teóricas e epistemológicas do grupo de pesquisadores envolvidos nesse projeto. Essas escolhas têm como autoria e contexto as/os autoras/es, pesquisadores do campo do Ensino de História, cuja atuação e território epistemológico são recentes no Brasil. São escolhas que recortam conceitos como memória e identidade, tomados em grande medida no campo da História, mas que vêm de outros campos, como a Sociologia, a Psicologia Social e a Filosofia, aqui organizados em um breve mapa de leitura, impactados com as demandas do Ensino de História. Em outras palavras, trata-se de um texto que registra perspectivas de leituras muito híbridas em um campo emergente.

O segundo capítulo apresenta as decisões procedimentais da pesquisa. Com o título *Procedimentos metodológicos de História Oral – escolhas*, propõe-se a expor alguns bastidores que quase nunca são publicados pelos pesquisadores. No entanto, se propõe didático, como um manual de história oral: proposições acerca da escolha dos recortes da pesquisa; da elaboração das entrevistas com um roteiro semiestruturado; do tratamento do que será produzido; e finalmente, da organização do acervo para disseminação e uso.

Finalmente, e não menos importante, uma nota intitulada *Desdobramentos – ética, estética e poéticas das memórias sensíveis* que traz decisões e reflexões acerca dos cuidados e acolhimentos das memórias daquelas/es pesquisadoras/es que foram fundamentais para o campo, mas não estão mais entre nós, ou possuem memórias que não são mais acessíveis com as ferramentas de entrevistas que dispomos. Essa nota anuncia decisões de pesquisas importantes diante dos desafios, que ganharam o nome de *memórias sensíveis*.

Desejamos que as leituras a seguir contribuam e inspirem novas pesquisas que articulem memórias das experiências de sujeitos históricos e suas identidades no centro de investigações e produções. Nessa perspectiva, que as narrativas históricas sejam escritas pelos e com os sujeitos que fizeram e fazem a história do campo do Ensino de História.

As organizadoras



Histórias de vidas e memórias de professoras/es do campo do Ensino de História

“A biografia, como a história, escreve-se primeiro no presente, numa relação de implicação ainda mais forte quando há empatia por parte do autor”

(DOSSE, 2009, p. 11).

Com as palavras dessa epígrafe, François Dosse termina o primeiro parágrafo do livro *O desafio Biográfico: escrever uma vida*. Assim ele inicia, com o tom provocativo em relação aos tempos e aos sujeitos envolvidos em uma biografia. O presente e a empatia, tempo e emoção do autor misturam-se à sua exterioridade, o tempo passado e as emoções vividas pelo biografado. Sob a identidade de um *ele*, de repente se encontra um *eu*. O trabalho com as histórias de vidas e as memórias dos outros implica a identidade de quem se propõe à escuta, na espreita de uma identificação.

Este texto apresenta o esforço de um grupo de pesquisadores do Ensino de História que, em parceria com a Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH) e o Museu da Pessoa, esforçam-se para organizar um acervo sobre as histórias de vidas e memórias de pesquisadoras/es do Ensino de História. Tra-

ta-se de um coletivo de pesquisadores brasileiros empenhados na construção de fontes sobre o seu próprio campo de atuação. Dessa forma, assumem-se os arranjos de alteridade e identidade, que François Dosse já havia chamado atenção – a relação entre pesquisadores e sujeitos pesquisados. Boaventura de Souza Santos (1985) já pontuava algo semelhante, quando argumentava em favor de uma ciência posta em diálogo entre as ciências naturais e as ciências sociais. Uma ciência em que o autor, pesquisador e sujeitos do mundo estariam no centro do conhecimento, sem nenhuma essência de natureza, mas capaz de criar inteligibilidades, conceitos que derretam as fronteiras que a ciência moderna instituiu. Uma produção do conhecimento que se assume subjetiva, pois se mistura com as identidades dos pesquisadores envolvidos sem perder de vista a objetividade científica do método.

Nesse sentido, a pesquisa *Histórias de vidas e memórias de pesquisadoras/es do campo do Ensino de História* buscou registrar e organizar em rede as narrativas de experiências dos profissionais que, desde os anos de 1980, no Brasil, vêm talhando a referida área do conhecimento. A partir da História Oral de vida, a pesquisa apostou no registro (auto)biográfico como produção heurística. Ela propõe produzir e organizar fontes, elaborando registros não apenas da memória, mas possibilitando construções de identidades e reflexões sobre os esquecimentos e as alteridades relacionadas à constituição de professores de História hoje. No diálogo com Santos (1985, p. 45, grifo do autor), encontramos contribuições para esse tipo de pesquisa:

A nudez total, que será sempre a de quem se vê no que vê, resultará das configurações de analogias que soubermos imaginar: afinal, o jogo pressupõe um palco, o palco exercita-se com um texto e o texto é a autobiografia do seu autor. Jogo, palco, texto ou biografia, o mundo é comunicação e por isso a lógica existencial da ciência pós-moderna é promover a ‘situação comunicativa’ tal como Habermas a concebe.

Trata-se, então, de uma pesquisa constituída em um território borrado, em que os sujeitos pesquisadores e os sujeitos pesquisados, mediados pelo método, produziram, em coautoria, um acervo aberto a diálogos entre campos

da História e da Educação, sobretudo uma voz múltipla que comunicará Histórias de vidas em rede.

O Ensino de História como pesquisa é recente no Brasil. Sua emergência é contemporânea às demandas da abertura política no país, quando professores se debruçavam para pensar o campo educacional e, de forma propositiva, apontaram as políticas curriculares nos seus municípios e estados. Tradicionalmente o ensino, de forma geral, foi historicamente concebido como espaço de aplicação dos conhecimentos técnicos produzidos nas ciências acadêmicas e, portanto, hierarquicamente menor e sem prestígio. As pesquisadoras/es entrevistadas/os, nesta pesquisa, são aquelas/es profissionais que ousaram propor e discutir o ensino da História como *lócus* privilegiado de construção de conhecimentos. Elas/es iniciaram encontros acadêmicos com a finalidade de debater e discutir suas reflexões sobre o ensino de História. Os registros desses encontros remetem a um ponto emergencial em Uberlândia, na Universidade Federal (UFU), 1993; e o segundo no Rio de Janeiro, na Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1995 (CERRI; MARTINS, 1999). Desde então, sistematicamente, esse grupo de pesquisadoras/es tem se encontrado em eventos alternados bianuais, no *Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História* (ENPEH), compartilhando, validando e publicando suas produções de conhecimento. Registrar, organizar e disponibilizar memórias da constituição desse campo é urgente e revelador de um árduo trabalho de formação de pesquisadoras/es e professoras/es de História. Esses objetivos concordam com a produção de novas fontes de memória, empáticas à construção do pertencimento a um grupo e potente para a compreensão dos processos históricos do campo, além do reconhecimento da responsabilidade social sobre um tempo presente, árido para professores e profissionais da História.

As histórias de vidas produzidas nesta pesquisa são acolhidas no acervo do Museu da Pessoa, em sua sede de SP. Assim, a empiria é interativa com contribuições de todos os pesquisadores envolvidos e de fácil acesso em rede. O apoio do Museu da Pessoa, “um museu virtual de histórias de vida, fundado em 1991” (SZYMCZAK, 2018, p. 16), ocorre em função especialmente do acolhimento do acervo na plataforma virtual e na reserva técnica em um único centro que funciona como arquivo. Logo, trata-se de um “espaço para

registar, preservar e disseminar histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade” (WORCMAN, 2007, p. 205). Embora os pesquisadores envolvidos sejam historiadores com domínio no método História Oral, o acondicionamento das histórias de vida no acervo implica um alinhamento metodológico com a Tecnologia Social da Memória, proposta pelo museu¹.

A equipe, composta por pesquisadores de diferentes regiões do país, expressa a diversidade de interlocuções possíveis no decorrer da pesquisa, e oferece uma ampliação do leque de diálogos teóricos que tem permitido reafirmar a pertinência e continuidade dos estudos com o foco nos discursos e narrativas (auto)biográficas, ampliando as possibilidades na centralidade do conhecimento acerca do Ensino de História. Isso significa considerar a atual e potente agenda política de nosso presente, expressa nas possibilidades de empiria desta pesquisa – as Histórias de vidas. Aqui, as agendas dos debates das (auto)biografias e do Ensino de História encontram pontos de convergência.

Desse modo, a pesquisa concorda com a epistemologia das instituições pelas quais se filia, quando se propõe a contribuir para articular e fortalecer duas tendências que atravessam as trajetórias de pesquisas dessa natureza: (i) a centralidade e a valorização da História de Vida de pessoas comuns como fontes de memória articuladas no fazer da História; e (ii) a compreensão de que a (auto)biografia apresenta desafios metodológicos no fazer pesquisa que demandam necessariamente diálogos interdisciplinares.

Ao reconhecer a importância dos mecanismos que acionam sentidos (auto)biográficos, a narração oferece acesso à maneira como os profissionais da História se significam de forma singular, mas igualmente sobre os sentidos disponíveis acerca das identidades profissionais. Em um cenário contemporâneo de ameaças à cátedra e às liberdades de docência, que supostamente havíamos conquistado nas últimas décadas, ainda experimentamos exigência produtiva, rapidez e competitividade. Esse contexto explica a empatia a que a epígrafe deste texto chamou atenção. É urgente a reflexão acerca da identidade do pesquisador do Ensino de História: como estamos nos tornando o que somos tem a ver com as memórias daqueles que nos precederam. A hi-

¹ Para mais informações, ver <https://museudapessoa.org/>.

pótese defendida é que as narrativas de vidas das/os pesquisadoras/es trazem registros de memórias sobre a constituição do campo de Ensino de História como pesquisa e produção de conhecimentos. Essas narrativas, tratadas e salvaguardadas como fontes de pesquisa, oferecem dados para a construção da História dessa área do conhecimento, assim como subsídios para a reflexividade acerca da identidade docente da História. A Memória e a identidade são conceitos mobilizadores dessa hipótese.

Desta forma, o objetivo deste texto é, diante do desafio desta pesquisa, apresentar as escolhas teóricas e metodológicas acerca das identidades e memórias.

➔ Conceções de Memória e de Identidade

É necessário mapear um recorte do que se dispõe sobre a memória e a identidade, leituras que fazem parte da formação dos historiadores e que continuam a balizar caminhos de investigação. Em algum momento do percurso de formação acadêmica, os sentidos dessas leituras afetaram profissionais desse campo e continuam compondo um cabedal teórico que fundamenta os dois campos. Esses sentidos são acionados de forma recorrente para auxiliar nas análises históricas ou nos argumentos que justificam o trabalho com a memória e a identidade. Seria procedente rever constantemente esses mapas de leitura que guardam sentidos fixos construídos há décadas? Talvez. Diante dos desafios a que se impõe o trabalho com as memórias dos outros, escolheu-se o recorte de algumas bibliografias básicas comuns entre a equipe.

Considera-se que cada texto carrega em si, pela natureza da linguagem, a marca de uma falta. Jamais a ideia inicial do autor é representada em sua originalidade, pois haverá sempre no texto, outro texto nunca escrito, e nesse espaço da falta se faz possível a leitura. A interpretação pressupõe, dessa forma, em primeira instância, a multiplicidade de sentidos. Obviamente que é necessário considerar o processo de produção do texto, as filiações de sentidos do autor, e outras singularidades da linguagem que acabam por sinalizar algumas regulações de sentidos. No entanto, o espaço da falta acaba sendo

preenchido pelos locais de filiações do leitor e, neste caso, também pelos autores deste texto. Portanto, reler os conceitos sobre memória e identidade a partir dos desafios colocados nesta pesquisa pode ser um lugar interessante para provocar um exercício de atualização.

Uma fala da personagem Virginia Madsen, do filme *Sideways*. *Entre umas e outras*, do diretor de cinema Alexandre Payne, representa, em certa medida, um pouco do que vem sendo debatido sobre a memória entre os historiadores. Ao explicar porque a personagem gostava de pensar nos vinhos, ela diz:

Eu gosto de pensar na vida do vinho. Como ele é uma coisa viva. Eu gosto de pensar no que estava acontecendo enquanto as uvas cresciam... como o sol brilhava... se chovia. Eu gosto de pensar em todas as pessoas que colheram as uvas e, se é um vinho velho, quantas delas devem estar mortas. Eu gosto de como o vinho continua se construindo. Se eu abrir uma garrafa de vinho hoje ele terá um gosto diferente do que se eu abrisse em qualquer outro dia, porque uma garrafa de vinho está viva e está em constante construção ganhando complexidade [...] (SIDEWAYS, 2004).

O constante movimento, marcado na vida do vinho, é uma paráfrase dos sentidos sobre a memória na ciência História. Pensar se a uva é *Merlot*, *Cabernet*, *Binot*, etc.; a estação que foi plantada, que foi colhida; se chovia, se fazia sol; se o vinho é velho ou novo; as relações de produção dos agricultores, suas vidas, seu cotidiano, suas possíveis mortes, tantos outros acontecimentos exteriores à fabricação do vinho, enquanto ele continuava se construindo em alguma adega. Tudo isso rememorado a partir da sensação do gosto do vinho no presente. Um gosto que se altera todos os dias, e por isso pode provocar outras formas de memórias. As experiências do presente direcionando as re-elaborações da memória sobre o passado – esse pensamento domina, em grande medida, os direcionamentos epistemológicos sobre a memória, interpretados pela ciência História.

Elaborar um breve mapa de leitura não é trabalho fácil, considerando os campos de conhecimento estudados na História e os numerosos autores lidos. O destaque desse direcionamento epistemológico é importante e oportuno, porque ele já explica a filiação de sentidos que vem, em grande medida, mar-

cando o recorte de leitura dos historiadores. No campo da História estuda-se o conceito, principalmente a partir das Ciências Sociais, da Psicologia Social e da Filosofia. Entre tantos autores, certamente muitos não serão citados nesse mapa de leitura, o que não significa que são menos importantes, apenas indica os limites de um texto e de um mapa que se propõe breve e incompleto.

No século XIX existem poucos registros de estudos sobre a memória, mas foram marcantes para a ampliação desses estudos no século XX. Freud ([?-20]a; [?-20]b) dedicou-se ao estudo do inconsciente e, em alguma medida, ancorou-se na memória para afirmar, em *Recordar, repetir e elaborar*, a hipótese de que é pela linguagem narrativa em clínica que se diz sobre um trauma, muitas e muitas vezes, e cada vez que se recorda e se repete a narrativa, elabora-se a ressignificação do trauma. Em outras palavras, a memória é, para Freud, operacional e criativa. Não se trata de um lugar do passado que se possa visitar e extrair uma verdade, nem tampouco os passados são lembrados de igual maneira, mas antes, já no século XIX e início do XX, Freud defendia uma memória que também era corpo e inconsciente.

No mesmo século, Henri Bergson (1999) investigava uma possível *memória pura*: como individualmente se pensam e se processam as imagens de um passado e se relacionam com ele a ponto de se fixar corporalmente em ato, gestos e hábitos automatizados. Entre vários pressupostos férteis para os estudos do tema no século XX, o filósofo reforça a ideia de que, assim como o tempo passado é revisitado como criação no imaginário, em Freud, a memória individual não possui um marcador em algum lugar no cérebro como se pensava até então. Memória é corpo desde Freud e Bergson.

Como filósofo, Henri Bergson inovou, no século XIX, os conhecimentos acerca da Psicologia, ciência recém-formada em sua época, tendo como objeto o tempo vivido. Apresentou a importância das imagens que construímos daquilo que percebemos através dos nossos sentidos, e que podem ser transformadas em ação no próprio corpo. Ele afirma: “Chamo de matéria o conjunto de imagens, e de percepção da matéria essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de certa imagem determinada, meu corpo” (BERGSON, 1999, p. 17). Dessa forma, rompeu com as ideias anteriores que localizavam a me-

mória em algum lugar no cérebro, mas amplia e dá complexidade a ela, corporificando-a.

As ciências sociais têm em Maurice Halbwachs uma referência para pensar a memória. Nos currículos de formação do historiador, é improvável que esse autor não seja estudado, direta ou indiretamente, nos textos de autores que foram influenciados pelas suas obras, ou para contestá-lo ou para nele se ancorar. Halbwachs possui uma longa e rica trajetória acadêmica que possibilitou a ele organizar seu pensamento acerca da memória a partir de diversos campos do conhecimento. Antes de ler sua obra, é importante observar o local de onde ele fala.

Na França, final do século XIX, foi aluno de Henri Bergson por sete anos, e em suas obras, a influência desse mestre filósofo é perceptível, no que diz respeito aos conceitos de *duração* e *memória hábito*. No entanto, Halbwachs apresentou discordâncias em relação à *memória pura*. Ainda na filosofia, desta vez na Alemanha, sofreu influência do pensamento de Gottfried Wilhelm Leibniz, mas foi com o auxílio da Sociologia durkheimiana, com estudos sistemáticos/comparativos de padrões de comportamento, que Halbwachs reorganizou os conceitos elaborados por Bergson. Estudou assuntos relacionados ao Direito, à Economia, às Ciências Políticas e ao marxismo, e de volta à França, foi colega de Lucien Febvre e Marc Bloch, da primeira geração da Escola dos *Annales*. Esse último está entre aqueles que criticaram seu método pautado no positivismo da sociologia durkheimiana, argumentando que os fatos históricos são produzidos na ação do historiador, e dessa forma, as memórias coletivas não poderiam ser estudadas como efeitos das ações sociais, nem percebidas a partir de padrões de comportamentos.

Os estudos de Halbwachs também tangenciaram alguns pensamentos freudianos, o que influenciou, anos mais tarde, a leitura dos seus pensamentos no campo da psicologia social. Na obra *Memórias Coletivas*, afirma que as memórias individuais e as memórias coletivas interpenetram-se. Se a primeira se utiliza da segunda para preencher possíveis lacunas ou confirmar dados lembrados, a segunda “envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas” (HALBWACHS, 1990, p. 55). A memória individual é acessada a partir de dados fixados no social: são palavras, ideias, sentidos que o indiví-

duo não inventa, mas empresta do mundo em que vive. Dessa forma, a memória dos indivíduos será sempre conectada à memória coletiva e estará limitada ao espaço e ao tempo. Essa ideia rompe com o que se pensava até então sobre a memória, pontuando-a em uma explicação apenas orgânica e individual.

Quanto à memória coletiva, também limitada ao tempo e ao espaço, a leitura da obra de Halbwachs nos leva a interpretá-la no plural e, portanto, *memórias coletivas*. Halbwachs (1990) sugere memórias construídas na família, na igreja, na classe social, e aquelas difundidas através de marcos da História Nacional. Explica que essas memórias coletivas sobrevivem em constante transformação no espaço e no tempo, assim como as relações dos indivíduos nos grupos sociais, que também produzem mudanças no decorrer das diferentes gerações desses grupos. Dessa forma, cada indivíduo pode construir uma memória particular sobre as experiências que viveu no grupo, mas a memória social sempre será exterior à memória do indivíduo. Ela poderá criar pontos de intersecção entre a memória de todos os indivíduos do grupo, e ao mesmo tempo, ser definida fora do indivíduo.

O autor separa História de Memória e abomina o termo *Memória Histórica*, argumentando que são duas coisas de naturezas diferentes. Enquanto para Maurice Halbwachs a memória está no movimento da vida, a História – referindo-se ao Historicismo do século XIX – a congela em túmulos, classificando o passado em épocas. Michel Pollak, pesquisador contemporâneo que tem marcado os estudos sobre memória, principalmente no campo da História Oral no Brasil, é um grande leitor de Maurice Halbwachs. Michel Pollak contrapõe-se às ideias de Halbwachs a partir dos estudos sobre memória na História Oral. Para ele, não se trata de *coisificar* fatos históricos, como a sociologia durkheimiana veio trabalhando, mas considerar o processo de solidificação desses fatos, quem dá a eles esse sentido de verdade, e a quem interessa esse sentido. É algo semelhante à crítica anteriormente apresentada por Marc Bloch (2001), quando esse falava da ação do Historiador. Pollak (1989) destaca a existência de uma disputa de memórias e a predileção dos historiadores em atuar no local dessas tensões.

Essa tensão, marcada por decisões sobre o que tornar memória disponível e o que transformar em esquecimento, coloca o problema das *memórias sub-*

terrâneas. Essas memórias se opõem à memória nacional – memória coletiva legitimada pelo Estado e que, para Halbwachs (1994), seria a forma mais completa de uma memória coletiva – e são trabalhadas na intimidade de grupos menores, como as famílias. São memórias que significam alguma vergonha, algum escárnio, alguma humilhação, e por isso são silenciadas ou sussurradas no interior dos grupos. Essas são excluídas da memória coletiva nacional.

Pollak (1989) descreve, a partir de Henry Rousso, outro tipo de memória que trabalha a favor da memória nacional – a memória enquadrada. Esse enquadramento, ele afirma que não pode ser arbitrário, mas os sentidos da memória precisam ser cuidadosamente mantidos dessa ou daquela maneira, revistos quando necessário, para que o processo de justificação da História do grupo seja garantido em equilíbrio. O autor cita a produção fílmica, por exemplo, como instrumento de enquadramento de uma memória coletiva, que pode ressignificar memórias e promover esquecimentos.

Embora não tenham utilizado os mesmos referenciais epistemológicos de Michel Pollak(1989), Pierre Ansart(2001) e Sandra Pesavento (2001) chegaram a um lugar muito semelhante, ao considerarem os afetos que as memórias ressentimentos podem provocar. Pollak (1989) considerou essa possibilidade ao tratar o enquadramento da memória como movimento de negociações de sentidos que permite a revisão da memória coletiva nacional, e ao mesmo tempo, atua no eufemismo de possíveis memórias subterrâneas. Para Ansart (2001) e Pesavento (2001), a memória-ressentimento é aquela dor sentida várias vezes e, cada vez que é repetida, marca uma diferença que reforça ódios, ciúmes e invejas.

Ao atuar na História Cultural, Pierre Ansart (2001) utiliza autores como Max Scheler, Robert Merton, Nietzsche e Freud para conceituar a memória-ressentimento, e aponta uma questão fundamental, que é a dificuldade de aceitar que um sentimento, que “sublimamos a intensidade e a força, não tenha consequências nem manifestações nas condutas dos indivíduos” (ANSART, 2001, p. 19). Deixa claro, ainda, que as memórias-ressentimento são diferentes de esquecimentos. As coisas vividas e não destacadas na memória nacional podem ser esquecimentos e, se assim forem, até que alguém as lembre, estão esquecidas. As memórias-ressentimento também não são lembradas

na memória nacional, mas continuam existindo no interior dos grupos sociais, e a cada vez que é rememorada, evoca uma pulsão inconsciente.

No mesmo campo de pesquisa, Sandra Pesavento (2001) estuda a memória-ressentimento observada a partir da literatura. Ela tem, na literatura do Rio Grande do Sul, da metade do século XIX e início do século XX, o local em que aquela cultura encontrou para expressar certa coesão social, uma comunidade simbólica, traços, indícios de ufanismo e ressentimentos em relação à memória nacional do período. Ao trabalhar com a memória, os historiadores da cultura a colocam na ordem das sensibilidades. Quando Pollak (1989) levanta o problema das tensões entre memórias, e Pesavento e Ansart (2001) tratam-nas no âmbito das sensibilidades, colocam em evidência, em verdade, a questão da memória individual.

A crítica que Halbwachs (1990) fez ao conceito de *memória pura* elaborado por Henri Bergson tem associado este último diretamente ao conceito de memória individual. Paralelamente a esse sentido, historiadores vêm estudando e visibilizando as políticas disciplinares que, desde o século XVII, vêm produzindo um tipo de individualidade, além das críticas frequentes às políticas econômicas capitalistas que privilegiam o indivíduo. Talvez esteja aqui localizada certa resistência a releituras de Henri Bergson, no campo das ciências humanas, como a tudo que possa se concentrar no indivíduo. Por outro lado, esses profissionais utilizam, em suas pesquisas históricas, os estudos produzidos na Psicologia Social, que consideram tanto as leituras de Halbwachs, quanto as de Bergson. As obras de Bosi (2003) e Jacques Le Goff (2003) são exemplos disso. Apesar de Halbwachs (1990), ao construir o conceito de memória social, ter criticado o conceito de *memória pura* elaborado por Henri Bergson, associando-o diretamente ao conceito de memória individual, estudiosos como Éclea Bosi (2003) e Le Goff (2003) consideram, em suas obras, as leituras destes dois pensadores.

Vejamos a emergência dos conceitos de memória-hábito e lembrança em Bergson. Por um lado, existe a memória-hábito que está relacionada àquelas ações motoras de que vamos nos apropriando, e a lembrança são aquelas imagens que nos ocorrem, indiferentes à memória-hábito, e que parecem reconstituir um passado vivido. A memória-hábito é apreendida por repetição, e diz

respeito à educação/adestramento que recebemos na família, na igreja, na escola. Elas são responsáveis pela capacidade de falar, de dirigir, de nos portar publicamente, etc. A lembrança é visitada pela memória-imagem que guardamos do passado, invade nosso consciente, e permite a capacidade de desenhar os acontecimentos do passado, “seus contornos, sua cor e seu lugar no tempo” (BERGSON, 1999, p. 97). Portanto, é preciso destacar que, para Bergson (1999), o passado é sempre virtual, e as imagens que lembramos dele são apenas atualizações. Entre uma memória que imagina e outra que repete está o próprio corpo, que confere, ao presente, o espaço de interesse e impulso de ações; e ao passado, a impotência e o espaço passivo da percepção e de corte de imagens.

Bosi (2003) apropria-se desses dois conceitos de memória elaborados por Bergson (1999) e, na contramão daqueles que debruçam suas críticas à *memória pura* em contraposição à *memória social*, ela deixa possibilidades para o leitor interpretar que, ao falar de imagens, não se deve esquecer que as relações sociais e coletivas são imagens construídas sobre esses coletivos. Dessa forma, os estudos que se apropriam do conceito de memória vindo de Bergson, e aqueles que preferem o conceito de memória vindo de Halbwachs, possuem diferenças pela natureza da posição epistemológica dos autores, mas não se excluem.

Desde o lançamento da obra *Memória e Sociedade. Lembrança dos Velhos*, historiadores têm se ancorado nas obras de Bosi, em especial, os historiadores que trabalham no campo da História Oral. A autora marca seu brilhantismo exatamente no exercício de entender a memória no limiar entre a memória social, coletiva, e a memória individual, reelaborada pelo indivíduo. Considera as marcas sociais na memória: a temporalidade, a ideologia ou as matrizes interpretativas dos fatos históricos, mas ao perceber a forma como as memórias são trabalhadas por cada um dos indivíduos, o que cada um lembra e a forma como cada um lembra, marca seu texto com a potência de comover o leitor. Bosi não inventa um novo conceito de memória que resolva a tensão entre o coletivo e o individual, apenas trabalha com maestria no intervalo da incerteza: ali, no espaço em que a percepção dos sentimentos produz a vida.

Outro pensador que trabalhou entre os conceitos de memória de Halbwachs (1990) e Bergson (1999), foi o historiador Jacques Le Goff (2003). O autor pro-

pôs uma história da memória e evidenciou que o conceito de memória coletiva lhe era mais interessante. Ele não deixou de afirmar que “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419). O autor ainda reconhece como importantes os estudos sobre a construção individual da memória enquanto cognição, elaborados por Piaget e Inhelder (LE GOFF, 2003, p. 420-421).

Outro ponto de tensão que envolveu seus estudos foi aquele entre Halbwachs (1990) e Marc Bloch (2001), quando o último criticou a metodologia sociológica utilizada por Halbwachs, destacando a ação dos historiadores na construção de memórias. Nesse sentido, Le Goff (2003) orienta-se pelos estudos do segundo, e considera a confecção de uma memória pelos historiadores e instituições. A partir dessa consideração, apresenta as memórias construídas em grupos que dominam a escrita, como por exemplo, as instituições-memória construídas pelos reis: arquivos, bibliotecas e museus. Seguindo uma História linear, vai apresentando as múltiplas formas de preservação das memórias coletivas de grupos: as festas medievais; o culto aos mortos na Revolução Francesa; as fotografias e postais do início do século XX; e faz uma revisão historiográfica, concluindo que a história cresce da memória e a alimenta com a intenção de salvar o passado, servir ao presente e ao futuro. Ele termina afirmando: “Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 471).

São numerosos os autores que podem ser lembrados como referenciais de estudos sobre a memória. Não é necessário lembrar de todos para perceber que, o que importa, é como esses conceitos mobilizam o trabalho com a memória como algo múltiplo, dinâmico, construído na tensão entre o individual e o social, entre lembrar e esquecer.

Além dessas considerações clássicas, os desafios que se mostram na pesquisa em favor das Histórias de Vida fazem-se necessários para conhecer a sensibilidade temporal e empática dos sujeitos da pesquisa, no intuito de mobilizá-las na criação das suas narrativas de memórias. Joel Candau (2011) defendeu argumentos de que a aprendizagem sobre o mundo, sobre a cultura de

um grupo, se faz a partir de certa transmissão de memórias, que poderiam também ser entendidas como experiências do grupo. É a aprendizagem de que a *adaptação do presente ao futuro, organizada a partir de uma reiteração do passado*, levaria à construção de uma identidade. O autor problematiza os argumentos essencialistas da memória e da identidade e radicaliza a favor de arranjos sociais da memória e da identidade. O que lembrar? O que esquecer? O que privilegiar? O que descartar em um grupo social? São perguntas que fazem parte do jogo político da memória.

Em especial, mostram-se potente os estudos acerca das memórias familiares e reapropriações dessas memórias pelas gerações que, segundo Candau (2011), vão desencadeando o que ele chama de *totalização provisória de seu passado*, que é o jogo da construção da identidade e alteridade do sujeito que memora. É nesse jogo que os sujeitos fundam uma narrativa de existência e sentem pertencer a uma cadeia de gerações sucessivas, da qual o grupo ou o indivíduo se sente herdeiro. É uma sensação de certeza de um vínculo com um passado e uma perspectiva de futuro que o impulsiona, no presente, a jogar no jogo da memória e da identidade. A História de vida pode ser entendida como um ousado alcance nesse tabuleiro da memória. Nessa perspectiva individual, a memória e a identidade podem ser entendidas nos espaços reduzidos das articulações familiares, no desejo de participar desse construto familiar de memórias. No entanto, nos estudos acerca da memória também coletiva, em arranjos muito mais complexos, novas perspectivas são consideradas nesse jogo identitário. Existe um grupo social maior que a família que comunga de experiências semelhantes às aquelas narradas em Histórias de Vidas. Joel Candau (2011), ao expor resultados de pesquisas com memórias de pessoas que experimentaram tragédias, vincula a capacidade dessas memórias de agregar os semelhantes ou repelir os opostos, como o caso dos filhos de deportados e herdeiros de memórias do horror e filhos de carrascos herdeiros de memórias envenenadas.

Essas leituras deixam pistas de que as experiências das/os pesquisadoras/es do Ensino de História, partilhadas em grupo, implicam em um dever de memória e na potência da partilha e escuta – a construção de laços de pertencimento e identidade do profissional da História no campo do Ensino de História.



Procedimentos metodológicos de História Oral – escolhas

Este capítulo é a apresentação de escolhas procedimentais construídas a partir do projeto *Histórias de vidas e Memórias de Professoras/es do campo do Ensino de História*, pelos pesquisadores envolvidos na pesquisa. O nome traduz o objetivo desse material: sistematizar os procedimentos metodológicos para operar no desenvolvimento da pesquisa em questão.

Trata-se de um investimento científico que tem como objetivo coletar, organizar e consolidar um acervo em rede, aberto e interativo, de Histórias de vidas e memórias de pesquisadoras/es do campo do Ensino de História. É um esforço da *Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH)*, em parceria a uma rede de pesquisadoras/es e laboratórios. Utilizando a metodologia História Oral, a pesquisa tem previsão de duração de quatro anos (2021-2024), divididos em duas fases. Na primeira, foram desenvolvidas entrevistas com docentes de instituições de ensino que, em suas trajetórias profissionais, dedicaram-se à pesquisa, à orientação de pesquisas e às produções bibliográficas e didáticas voltadas ao campo do ensino de História, entre os anos 1980 e 1990, e na segunda fase, estendendo-se até os anos 2000. Espera-se organizar uma coleção de histórias que serão salvaguardadas e compartilhadas pelo *Museu da Pessoa* e demais laboratórios envolvidos. Uma pesquisa dessa natureza exige rigor e alinhamento nos procedimentos metodológicos, os quais este texto tem a intenção de orientar.

Este texto foi elaborado coletivamente no contexto de atividades previstas na pesquisa, qual seja, a meta 1 do projeto: *construção coletiva de um Procedimento Operacional Padrão (POP) para a coleta, as edições das entrevistas de História Oral de vida e o acondicionamento do material produzido*. Para essa atividade, foram realizados encontros sistemáticos no formato online, quando aconteceram momentos de formação entre os pesquisadores com o objetivo de ajustar e adequar o uso dos métodos de entrevistas, especialmente em ambientes digitais. Os estudos acerca da virtualização das entrevistas foram dialogados com a produção de Santhiago e Magalhães (2020).

Nos encontros, além de estudos de questões específicas, como o contexto das entrevistas de História Oral no formato digital, a equipe de pesquisadores dialogou com profissionais que são referência no trabalho com o ofício da História Oral, como Verena Alberti e Sônia Lodon. Nessa oportunidade, tanto os artigos de Verena (ALBERTI, 2006; 2020) quanto o livro *Tecnologia Social da Memória* (MUSEU DA PESSOA, 2009) foram discutidos em forma de conversas e apontamentos, que corroboraram nas decisões apresentadas neste texto.

De forma pontual, a experiência do Laboratório de História Oral da Univille (LHO) foi compartilhada com o objetivo de contextualizar a construção de procedimentos metodológicos em História Oral. Naquela ocasião, os Procedimentos Operacionais Padrão (POP) da pesquisa *Memórias Múltiplas e Patrimônio Cultural em rede: o desafio (auto)biográfico diante da ameaça da perda*, produzido pelos estudantes bolsistas de iniciação a pesquisa, Gustavo Henrique Cardoso Nart e Bruna de Souza Medina (VENERA; NART; MEDINA, 2018), foi compartilhado e disponibilizado para uso adaptado para esta pesquisa. Dessa forma, as orientações contidas neste documento advêm dos registros do projeto citado, das orientações acolhidas dos diálogos com os autores estudados, dos apontamentos das sínteses de experiências registradas no LHO e das decisões discutidas no grupo de pesquisadores envolvidos.

Organizado em quatro momentos, este texto apresenta, em grande medida, uma síntese do projeto, como foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, mas também decisões prévias acordadas entre os pesquisadores e organizados da seguinte forma: **1.** um breve desenho da pesquisa, seu objeti-

vo, critérios de inclusão das/os entrevistadas/os; **2.** orientações metodológicas para a preparação das entrevistas: o roteiro semiestruturado, a entrevista e as mediações da Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), quando for o caso; **3.** as tarefas técnicas de transcrição, edição e revisão de entrevistas de História Oral de vida; e **4.** a construção do acervo em arquivos. A síntese dos procedimentos **2** a **4** encontra-se organizada em um fluxograma ao final deste texto (APENDICE A).

É mister destacar que entendemos a dinâmica do fazer pesquisa a partir das memórias orais e, portanto, esses procedimentos metodológicos não encerram criações e decisões que podem advir do desenvolvimento e continuidade do trabalho. Novas alterações ou adição de componentes que facilitem o trabalho de todas/os e qualquer membro que venha a entrar em contato com o material do acervo produzido serão bem-vindas nos debates da pesquisa durante o seu desenvolvimento.

➔ O projeto *Histórias de Vidas e Memórias das Professoras/es do campo do Ensino de História*: aspectos básicos

Como já anunciado nos textos anteriores, a pesquisa *Histórias de Vidas e Memórias das Professoras/es do campo do Ensino de História* é um esforço para a organização de um acervo sobre as histórias de vidas e memórias de pesquisadoras/es do Ensino de História. Trata-se de um coletivo de pesquisadores nacionais empenhados na construção de fontes sobre o seu próprio campo de atuação.

As/os pesquisadoras/es que foram e serão entrevistadas/os nesta pesquisa são profissionais que ousaram propor e discutir o Ensino da História como campo de pesquisa e produção de conhecimento. Como já anunciado, vale a pena lembrar que estamos entendendo o campo na perspectiva de Bourdieu (1980), que o concebe como categoria teórica delimitada pelos valores que lhe dão sustentação. Explicando de outra forma, compreende-se o campo

do ensino de história a partir da produção de conhecimento e epistemologias escolhidas pelos sujeitos pesquisadores que comungam espaços teóricos imateriais, como os valores e as concepções teóricas, mas também espaços físicos, lugares praticados como periódicos especializados, eventos científicos, entre outros.

Nesse sentido, a problemática central sobre a qual se debruça esta pesquisa está focada na organização e consolidação de uma ampla rede de Histórias de Vida e memórias das/os pesquisadoras/es do campo do Ensino de História, mais bem trabalhada nas próximas subseções.

Objetivo geral e hipótese do projeto

O objetivo geral desta pesquisa é coletar, organizar e consolidar um acervo em rede, aberto e interativo, de Histórias de Vidas e memórias de pesquisadoras/es do campo do Ensino de História.

Esse objetivo se delineia a partir da hipótese de que as narrativas de vida das/os pesquisadoras/es trouxeram/trarão registros de memórias sobre a constituição do campo de Ensino de História como pesquisa e produção de conhecimentos. Essas narrativas, tratadas e salvaguardadas como fontes de pesquisas, fornecem dados para a construção da história dessa área do conhecimento, assim como subsídios para a reflexividade acerca da identidade de docentes de História. A Memória e a identidade são, portanto, conceitos mobilizadores dessa hipótese.

Critérios de inclusão das/os entrevistadas/os

A pesquisa foi programada para acontecer em 2 fases. A primeira, com previsão de duração de 2 anos, diz respeito a entrevistas realizadas com docentes de instituições de ensino que, em sua trajetória profissional, dedicaram-se à pesquisa, à orientação de pesquisas e à produção bibliográfica e didática voltadas ao campo do ensino de História, entre os anos 1980 e 1990. A segunda, também com previsão de 2 anos, amplia esse recorte para os docentes de instituições de ensino que, em sua trajetória profissional, dedicaram-se à pesqui-

sa, à orientação de pesquisas e à produção bibliográfica e didática voltadas ao ensino de História, desde os anos 1980 até os anos 2000.

Para definir as/os entrevistadas/os para cada fase, o levantamento inicial foi e está sendo feito pelos Anais dos eventos ABEH – ENPEH e Perspectivas, Anais da Associação Nacional de História (ANPUH) Nacional e periódicos. Como instrumento de confirmação e validação, foi escolhido o Currículo Lattes, pois ele define um campo e é construído pelo próprio sujeito, a partir do que ele seleciona valorizar para compor, institucionalmente, sua trajetória no ensino, pesquisa e extensão. Quando necessário, a autoidentificação também foi e será utilizada. O levantamento pode/poderá ser feito também junto às/aos entrevistadas/os já referendados.

➔ O projeto *Histórias de Vidas e Memórias das/os Professoras/es do campo do Ensino de História: aspectos metodológicos*

Preparação das entrevistas

Coletivamente, o grupo de pesquisadores elabora, discute e decide um quadro das entrevistadas/os com dados básicos relevantes para a elaboração do roteiro semiestruturado para a entrevista. Esse quadro pode ser constantemente revisto e alimentado. Trata-se de informações bioprofissionais das entrevistadas que podem ser selecionadas do Currículo Lattes, das memórias e saberes prévios dos próprios pesquisadores.

Esses dados são organizados virtualmente no aplicativo de gerenciamento de projetos *Trello*. Esse processo garante interação e compartilhamento das informações que alimentam e irão alimentar a preparação da entrevista. Os cartões criados no *Trello* são decididos em reuniões dos pesquisadores e respondem basicamente aos interesses registrados no quadro abaixo.

Quadro 1 – Interesses que colaboram na adaptação do roteiro semiestruturado

Nome	Locais de trabalho	Formação inicial, Mestrado e Doutorado	Período em que atuou no Ensino de História	Publicações referenciais	Atuações associativas/ou indicativas de políticas

Elaboração coletiva do roteiro semiestruturado

Por se tratar de uma pesquisa em parceria com o *Museu da Pessoa*, é importante seguir o roteiro da *Tecnologia Social da Memória* (TSM) como inspiração. A TSM propõe um roteiro semiestruturado como base, e esta pesquisa acolhe essa proposição como ponto de partida para a elaboração. No entanto, trata-se de um roteiro padrão utilizado em todas as entrevistas. Ele nos serve, aqui, de base e exemplo sequencial, que parte do início da vida até o momento da entrevista. No entanto, não é demais lembrar que a memória corre livre enquanto narrada, e essas linearidades são meramente formais e organizativas para o entrevistador.

A seguir, o roteiro semiestruturado sugerido pela TSM foi adaptado para esta experiência de pesquisa, e cada entrevistador, de posse dos dados do aplicativo *Trello* (Quadro1), deve recriar e adaptar o seu roteiro semiestruturado. Para essa situação específica, apresentamos o roteiro no gênero feminino, em função da previsão de entrevistadas, em maioria, serem mulheres. O pronome de tratamento, você ou senhora, poderá ser adaptado conforme a relação estabelecida entre a entrevistada e entrevistadoras/es.

Lembramos que, sempre que possível, devem ser inseridos suportes de memória às perguntas do roteiro semiestruturado, como fotos e/ou publicações. Pode-se solicitar à entrevistada que selecione previamente algumas fotos, imagens, documentos ou outros registros do seu passado que a ajudem lembrar de sua história. No caso de doações para a pesquisa, esses suportes devem ser registrados em imagens. Tais suportes são mobilizadores de memória e podem facilitar a evocação de lembranças importantes. No entanto, é

preciso se atentar à forma de compartilhamento desses suportes nos casos de entrevistas remotas.

No roteiro semiestruturado abaixo, as perguntas sublinhadas são marcações orientadoras para os entrevistadores. Se no decorrer das narrativas, essas questões não forem contempladas, deverão ser inseridas no diálogo da entrevista.

INTRODUÇÃO

IDENTIFICAÇÃO E FAMÍLIA

- Para começar, gostaria que dissesse seu nome completo, data e local de nascimento.
- Como você gostaria de ser chamada nessa entrevista?
- Fale sobre sua família. O que você lembra sobre suas histórias familiares?
- Você tem irmãos? Qual o nome deles?
- O que a senhora lembra sobre a origem de sua família?
- Fale um pouco de seus avós.
- Você sabe como seus pais se conheceram e se casaram?
- Qual a atividade deles?

INFÂNCIA

- Poderia descrever um pouco a rua e o bairro que marcaram mais a sua infância?
- E da casa, o que você se lembra?
- Quais eram suas brincadeiras favoritas?

ESCOLA

- E da sua primeira escola, você se lembra?
- Poderia descrever o prédio, o pátio, a sala?

- E as professoras e professores? Alguém entre as/os professoras/es foi mais marcante para você? Por quê?

JUVENTUDE

- Você passou sua juventude na mesma cidade?
- Qual era a principal diversão da época?
- E sua vida afetiva?
- Você teve filhos? Quais os nomes deles?

DESENVOLVIMENTO TRABALHO

- Sobre sua decisão profissional, como foram as suas escolhas?
- O que você lembra das principais vivências que marcaram a sua formação inicial?
- Conte um pouco sobre a sua decisão pelo Ensino de História?
- Quais foram as principais referências mobilizadas no início e ao longo da sua trajetória?
- Quais foram as principais atividades/ações no início e ao longo da sua trajetória na docência?
- Qual a sua relação com a Educação Básica?
- Quais foram as principais atividades/ações no início e ao longo da sua trajetória na pesquisa no Ensino de História?
- E as orientações? Pode nos contar um pouco sobre suas orientações?
- Pode relatar suas ações que você considera significativas na extensão?
- Pode relatar suas ações que você considera significativas nas instituições, associações de classe, associações científicas?
- Fale um pouco sobre suas publicações que você considera mais importantes no seu trajeto profissional.
- Quais os principais desafios que o campo de Ensino de História enfrentou, de que você participou? Como foi?

FINALIZAÇÃO

- Ainda está atuando no campo ensino de História, no momento? (Se sim, onde e como?).
- O que avalia que mais mudou em relação ao ensino de História, na escola, desde o início de sua experiência profissional?
- O que avalia que mais mudou em relação ao ensino de História, quanto à pesquisa, desde o início de sua experiência nela?
- Como você avalia a formação de professores de História hoje?
- Quais as principais conquistas do campo que você destacaria?
- Atualmente, quais os principais desafios que você identifica para o campo?
- Como está a família da senhora atualmente? Com quem a senhora mora?
- E o que mais a senhora gosta de fazer?
- Qual é seu maior sonho hoje?
- O que você achou de contar um pouco da sua história?
- Tem mais alguma questão que você gostaria de narrar?
- Poderia por favor expressar a autorização de uso da entrevista?

As entrevistas

Entendemos que o momento da entrevista é algo perto do sagrado. Sagrado no sentido de suspensão do tempo e espaço. Procure garantir que, naquele tempo combinado, a única atenção de ambos os envolvidos seja a entrevista e as memórias que serão narradas. Desligue o celular e esteja atenta/o.

É importante lembrar que o projeto escolheu a metodologia História Oral de vida, portanto, cada entrevistada não é mera fonte de informações sobre a temática do Ensino de História, mas uma pessoa que, de alguma maneira, vivenciou um pedaço daquela história.

As entrevistas devem acontecer com a presença de no mínimo dois entrevistadores, e se possível, a presença de quem fará a transcrição. Isso facilitará o processo de transcrever o áudio.

No caso de entrevistas presenciais, elas devem ser escolhidas quando os envolvidos tiverem completado o esquema de vacinação contra Covid-19 há, pelo menos, 30 dias. É importante lembrar que estamos em contexto pandêmico e, mesmo após as vacinas, é prudente manter alguns cuidados de segurança. Use máscara, mantenha um distanciamento mínimo e, no caso de retirar a máscara, faça isso apenas se a distância entre os envolvidos permitir a segurança. Esterilize os equipamentos, fios e microfones antes de oferecê-los às entrevistadas. No caso de microfones de lapela, troque o invólucro de espuma e o use apenas uma única vez. Leve álcool em gel consigo e ofereça, deixe lenços de papel, copos e garrafinhas de água em fácil alcance.

No caso das entrevistas mediadas pela Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), verifique qual a familiaridade da/o entrevistada/o com os equipamentos que serão utilizados. Combine com antecedência como será realizada a entrevista e agende também com antecedência para realizar os testes de internet. É importante lembrar que a História Oral é uma metodologia de entrevista que considera os personagens – entrevistado e entrevistador – no *setting* da entrevista, mediados pelo roteiro semiestruturado. Essas marcações devem ser garantidas também na forma remota de entrevista. Atenção para o subitem seguinte, 2.2.4, em que esses cuidados se encontram mais detalhados.

A entrevistada é a autora principal da narrativa e é ela quem deve determinar o ritmo, o estilo e o conteúdo da sua história. Garanta que sua narrativa de vida seja a principal fonte que será coletada. No entanto, o sucesso da entrevista depende muito do entrevistador, por isso, mesmo que se trate do óbvio, este POP reforça alguns apontamentos da TSM (MUSEU DA PESSOA, 2009, p. 50-51):

- **“Autoria:** A entrevista surge da interação entre entrevistado e entrevistador. Cabe ao entrevistador um papel ativo na produção da narrativa.

- **Respeito:** A entrevista é um momento solene, até mesmo sagrado, no qual o entrevistado está eternizando sua história e o entrevistador participa da construção de um documento histórico. É importante preparar um ambiente acolhedor para garantir que o entrevistado se sinta tranquilo e, acima de tudo, ouvir com atenção a sua história. Quando o entrevistado é idoso, há a tendência de infantilizá-lo, e é muito importante não adotar essa postura.
- **Receptividade:** O roteiro é apenas um estímulo. É necessário estar totalmente disponível, ser curioso. As melhores perguntas surgem da própria história que está sendo contada.
- **Sabedoria:** O entrevistador nunca deve julgar o entrevistado, exigir atitudes, discutir opiniões ou cobrar verdades e precisão histórica. O objetivo da entrevista é registrar a experiência pessoal que o entrevistado tem dos acontecimentos e não uma verdade absoluta.
- **Humildade:** O diálogo tem como foco o entrevistado. O entrevistador não deve pressupor que o entrevistado possui os mesmos valores e conceitos que ele.
- **Emoção:** O papel do entrevistador é estimular e auxiliar o entrevistado na construção da história que ele quer contar. O entrevistador não é um psicólogo. Não deve procurar subentendidos, não ditos. Isso não impede que ele também se emocione com a história do entrevistado.
- **Ritmo próprio:** Cuidado para não interromper a linha de raciocínio do entrevistado, mesmo que ele fuja do assunto da pergunta. O entrevistador só deve interferir quando for realmente necessário, seja para retomar o fio da meada, seja para ajudá-lo a continuar.
- **Atitude:** O corpo, os olhos, os movimentos fazem parte do diálogo e influenciam a construção da narrativa. É necessário estar atento. Cuidado para não demonstrar impaciência ou desinteresse, bocejando ou olhando o relógio.

- **Foco:** O entrevistador deve priorizar a narrativa, as histórias. Não deve deixar o entrevistado perder-se em comentários e opiniões genéricas.
- **Agradeça:** Uma cópia da entrevista, o convite para que ele participe do resultado final do projeto, um certificado, uma carta são maneiras de agradecer o entrevistado por ter colaborado na construção da história do grupo. Além do reconhecimento por sua participação, todos esses cuidados constituem estratégias para que o entrevistado se conscientize da importância de sua história e dos desdobramentos que ela pode ter ao ser integrada às histórias de sua comunidade e da sociedade como um todo”.

É importante lembrar que o entrevistador deve realizar um denso registro do desenvolvimento da entrevista. Descreva o processo conforme roteiro, que consta no Apêndice D deste documento.

Mediações e cuidados com as entrevistas presenciais ou no contexto de uso da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC)

As entrevistas realizadas no formato remoto deverão ser feitas preferencialmente a partir da Plataforma Google Meet. No caso de o entrevistador ter domínio de outras plataformas que ofereçam as condições necessárias para qualidade, gravação e disseminação das entrevistas, poderão ser utilizadas. No entanto, é importante que essa mudança na mediação conste nos registros. Atenção para a velocidade da internet da entrevistada e para a plataforma utilizada; não apenas para a realização da entrevista, mas sua gravação e *upload*.

É indispensável o entrevistador ter clareza, antecipadamente, sobre o nível de familiaridade do entrevistado com as tecnologias digitais. No caso de a entrevistada precisar de uma pessoa como apoio técnico, é importante que o entrevistador tenha um encontro remoto com essa pessoa para ajustes sobre os procedimentos do momento da pesquisa. Nos dois casos, no modelo presencial ou digital, o entrevistador deve agendar uma conversa anterior para

ajustes, apresentação dos objetivos da pesquisa, combinados sobre organização dos detalhes da captação de imagem, som e assinatura digital do TCLE (APÊNDICE B) da pesquisa e Termo de cessão de imagem e som (APÊNDICE C). Embora o TCLE explicita que a entrevista ficará disponível na Plataforma do Museu da Pessoa e arquivos de outros Laboratórios, é ético conversar sobre essa realidade.

Para auxiliar no processo de entrevistas on-line, é importante consultar os tutoriais, se houver, para as configurações do ambiente definidas pela equipe.

Também é importante lembrar que a História Oral é uma metodologia de coleta, registro e preservação da memória, realizada por meio de entrevistas em um lugar específico. Portanto, trata-se de uma memória narrada na interação entre duas pessoas, entrevistador e entrevistado, mediados por um roteiro semiestruturado. O formato digital deve manter esse registro e a tela da plataforma de comunicação utilizada deve trazer as duas personagens em questão. Mesmo que exista uma terceira pessoa exercendo o papel de apoio técnico, sua imagem não deve aparecer, embora o registro da sua existência seja necessário no contexto da entrevista. Ainda é indispensável cuidar para que o enquadramento das pessoas em situação de entrevista esteja em primeiro plano; ou seja, preferencialmente da cintura para cima; e que o *setting* da entrevista se mostre com mais detalhes.

Considerando o contexto remoto para as entrevistas, é de bom tom administrar o seu tempo de duração. Combine com a entrevistada um limite de horário, cuidando para não passar de 2h30: considere o *estresse de tela* gerado pela comunicação mediada por tecnologia. É preferível fazer várias sessões de entrevistas e manter a qualidade da conversa do que uma grande entrevista enfadonha e sem concentração e envolvimento da entrevistada.

Em entrevistas de História Oral, a orientação da atenção à narrativa que está sendo desenvolvida é de significativa importância. Um sinal de cabeça, um sorriso, uma expressão, um cruzamento de olhares são performances do entrevistador que sinalizam ao entrevistado que ele está sendo ouvido. Por outro lado, é conhecida a orientação para evitar interações orais que interfiram na narrativa. Esses sons atrapalham no momento da transcrição. No

entanto, no contexto das entrevistas orais *online*, há que se atentar para o silêncio do entrevistador, uma vez que o olho no olho e as performances visuais são mais limitadas. É preciso cuidado para que o entrevistado não se sinta falando sozinho, já que não tem a presença física do entrevistador, mesmo que isso signifique expressões orais como “ah! Entendi”, “sério?”, “nossa!” – Cuidar com o equilíbrio dessas intervenções.

Da mesma forma que nas entrevistas presenciais, o entrevistador deve realizar um denso registro do desenvolvimento da entrevista, descrever o processo, desde os contatos, as conversas, os acordos, as decisões tomadas, o cenário escolhido para a entrevista, além dos equipamentos utilizados. Lembre-se que nem sempre a transcrição é realizada pelo entrevistador, e o transcritor deverá ter acesso a todos os registros do contexto daquele momento (APÊNDICE D).

Após a realização da entrevista, a/o entrevistada/o deve ser convidada para assistir à gravação e enviar uma ciência do conteúdo via e-mail. Após a autorização da versão audiovisual, a entrevista irá compor o canal no YouTube da pesquisa. Em caso de transcrição, a versão escrita deve ser novamente autorizada pelas/os entrevistadas/os. Em ambos os casos, as solicitações de edições pela/o entrevistada/o, quando houver, deverá ser atendida; e a versão anterior, deletada.

Uma vez autorizadas e publicadas no canal da pesquisa, no Museu da Pessoa e nos Laboratórios envolvidos, as entrevistas poderão compor produtos, como dissertações e teses em pesquisas de pós-graduação *Stricto sensu* (mestrado e doutorado), além de livros, exposições e artigos científicos.

➔ ○ trabalho pós-entrevista: a construção do acervo

Após o desenvolvimento das sessões de entrevistas, todos os arquivos audiovisuais devem ser salvos em um único arquivo e, em seguida, compartilhado com a/o entrevistada/o para que ela/e revise a gravação. Essa revisão vai apontar possíveis edições que a/o entrevistada/o julgar importante. Como anunciado anteriormente, deve ser gerada uma aprovação, seja por e-mail ou qualquer

outro tipo de mensagem. O APENDICE F deste documento é um modelo de aprovação que poderá ser usado como sugestão, mas a ideia é o registro de uma ciência, que pode ser por trocas de mensagens remotas e, nesse caso, devem ser salvaguardadas no acervo da/o entrevistada/o. Essa aprovação permitirá a divulgação do primeiro produto do acervo: a entrevista audiovisual.

Comece a organização do acervo com um formulário para cada entrevistada/o. As informações do aplicativo *Trello* podem ser aproveitadas. O importante é que esse formulário apresente a entrevistada. O APENDICE D (Formulário de dados da/o entrevistada/o e da entrevista) deste documento é um modelo que deve ser utilizado.

Quando a/o entrevistada/o fizer doação de suportes de memória, como fotos, documentos ou qualquer registro do seu passado, eles devem ser digitalizados. Faça um formulário para registrar cada uma dessas imagens separadamente. O APENDICE E deste documento é um modelo que deve ser utilizado.

É importante que esses formulários sejam preenchidos com atenção para duas informações distintas e igualmente importantes: 1. seu conteúdo: o que é, quem, quando, onde; E 2. o contexto da coleta: o tipo de registro, o nome dos entrevistadores, a data e o local da entrevista. Os formulários para as fontes doadas serão usados na composição de um segundo produto de acervo: um álbum fotográfico da entrevistada.

Os cuidados com a transcrição

As transcrições das entrevistas serão realizadas em um documento word. A criação desse documento será organizada seguindo três passos.

Primeiro passo – criar um arquivo de transcrição em formato Word com os seguintes elementos pré-textuais:

1. **Cabeçalho** – é inserido com a ferramenta de cabeçalhos do próprio Word e segue o seguinte padrão (fonte Arial [Corpo] tamanho 12, centralizado) que deve ser mantido, o cabeçalho estará presente em todas as páginas da transcrição.

HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE
PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE HISTÓRIA, ABEH



Segundo passo – Registrar a identificação da entrevista

2. **Identificação, notas e autorias** – A identificação é padronizada da seguinte forma: Nome da/o entrevistada/o, seguido da data e local (espaço e cidade) de filmagem da entrevista. Pule uma linha e liste em tópicos as pessoas presentes no cenário de filmagem (entrevistadores, bolsistas, voluntários etc.). No caso de uma entrevista realizada em dias diferentes, registre um formulário para cada dia, para o caso de outras pessoas estarem presentes em dias diferentes.

Modelo da identificação

Entrevista com Fulana de tal, em xx/xx/xxxx, em tal cidade. O encontro foi mediado pelo *Goggle Meet*, ou o encontro foi realizado na casa da entrevistada.

Estavam presentes:

- Professora Fulana;
- Mestrando XXXX;
- Mestranda XXXXX;
- Bolsista IC XXXX

Notas de edição: É importante que fique registrada no início da transcrição quem são as pessoas citadas na entrevista para que não fique repetindo os nomes o tempo todo. Isso deixa o texto mais leve.

Listar em tópicos todas as sinalizações de autoria da entrevista

Legenda da transcrição:

E1: Entrevistador 1 (nome do entrevistador)

E2: Entrevistador 2 (nome do entrevistador)

R: Entrevistado

Autorias da transcrição: Os nomes devem vir em ordem alfabética. Este dado serve para o caso de haver necessidade de consulta a quem realizou este trabalho ou em casos de citações da autoria da transcrição e edição.

Modelo de autoria de transcrição:
A transcrição foi realizada por fulana de tal/sicrana de tal.

Terceiro passo – A entrevista propriamente dita, a metodologia da transcrição, como decidiu sobre o silêncio, barulhos, intervenções alheias etc.; Cuidados de transcrição.

3. **Registro do contexto** – contextualizar a conversa que acontece no *setting* antes de iniciar a entrevista. A introdução deve estar em terceira pessoa e em itálico, e deve vir antes do desenvolvimento da entrevista. Nesse momento poderá ser necessário o auxílio dos registros do entrevistador, ou de pessoas que estiveram no contexto, ou verificar o áudio do momento anterior ao início da entrevista.

Modelo para o registro do contexto

Introdução:

<i>Raquel recebeu Cynthia e lhe mostrou o laboratório, apresentou a equipe, e falou sobre como vai ser realizada a dinâmica da entrevista, explicando para ela como funciona a pesquisa, qual a finalidade, como ela conduz as entrevistas e que o material da entrevista será transcrito e editado, as fotos trazidas serão catalogadas em fichas, e que todo o material depois de pronto será enviado para a reserva técnica do Museu da Pessoa*.</i>
--

<i>*texto reproduzido das produções da Pesquisa Memórias Múltiplas e o Patrimônio Cultural em rede: o desafio (auto)biográfico diante da ameaça da perda.</i>
--

Vale ressaltar que a transcrição se faz através da escuta do áudio e a escrita literal de todas as palavras proferidas pelo entrevistado e pelos entrevistadores. Assim, são necessárias atenção total e concentração nesse exercício: o objetivo é capturar, na medida do possível, todas as nuances e expressões da narrativa oral. Esse trabalho prático desdobra-se na produção de uma fonte prévia que podemos chamar de *primeiro borrão*. Posteriormente, ele será minuciosamente *lapidado*.

4. **Metodologia da transcrição** – quando iniciada a fala, após a sigla do/a entrevistador/a (E1 ou E2), virá travessão; em seguida, a indicação R, seguido de travessão; e a fala do/a entrevistado, iniciando com letra maiúscula.

Modelo para a transcrição

E2 – Bom dia Cynthia!

R – Bom dia!

Cuidados de transcrição: Todos os números devem estar escritos por extenso. Todos os nomes de instituições, marcas, nomes próprios e sobrenomes devem começar com letra maiúscula. Cuidar com a ortografia das palavras.

Citação de fala ou pensamento: Quando o entrevistado for narrar uma fala de algum personagem de sua narrativa, ou indicar um pensamento que ele teve, faça o seguinte: utilize dois pontos e transcreva a fala referida em seguida, começando com letra maiúscula, sem aspas. Esta escolha metodológica facilita o uso na pesquisa e mantém a fala direta do entrevistado.

Modelo:

R – Então, foi engraçado isso, eu pensei: Meu, desmaiei por causa de uma agulha.

Situações de diálogo: Durante uma narrativa, é comum que o entrevistado comece a narrar algum diálogo que ocorreu em seu passado. Nesse caso, a gramática nos confere o uso de travessões para que se interrompa uma fala e insira uma nota de uma segunda personagem no diálogo. Caso essa pausa não seja explicitada diretamente pelo entrevistado, pode-se usar o recurso dos parênteses para indicar uma resposta, indagação ou intervenção de outra personagem.

Modelo:

Eu falei: estou tendo um AVC! Fui direto para Unimed, cheguei para mulher e falei: moça, estou tendo um AVC (risos). – Não, você não está tendo um AVC, mas vamos te internar, você vai fazer exames. Daí já me internaram. *

**texto reproduzido das produções da Pesquisa Memórias Múltiplas e o Patrimônio Cultural em rede: o desafio (auto)biográfico diante da ameaça da perda.*

Contextualizar intervenções de terceiros – Pula-se uma linha no texto da transcrição antes e depois, e em *itálico*, relata-se o que ocorreu nesse momento. O texto deve ser escrito, nesse momento, em 3ª pessoa.

Modelo:

R – A minha avó materna, é, materna, e a paterna, ela era dona de casa, não trabalha e meu avô Sinvo, se eu puder resgatar ali um cantinho da minha mãe (*Cynthia pergunta a sua mãe, Dona Gloria, sobre a profissão de seu avô paterno*) professor, né mãe? (*Dona Gloria responde a Cynthia*) a avó paterna desculpa, (*Dona Glória responde a Cynthia*)*

*texto reproduzido das produções da Pesquisa *Memórias Múltiplas e o Patrimônio Cultural em rede: o desafio (auto)biográfico diante da ameaça da perda*.

Pausa ou narrativa interrompida – Nesse caso, a narrativa da/o entrevistada/o sofre uma interrupção ou é feita uma pausa, em forma de pensamento ou por alguma outra situação adversa. Para indicar esses momentos, após a última palavra, utilize reticências. O texto em seguida começa com letra maiúscula.

Modelo:

R – Na época me deram apoio, ao menos falavam que me deram apoio, me visitaram, falaram que iam me dar suporte... Eu fui diagnosticada em janeiro [...].

Algumas observações – Uma expressão que pode aparecer bastante durante uma transcrição é o uso duplo do pronome relativo *que*. Por exemplo: “O que que eu vou fazer da vida?”, o uso mais correto da gramática seria inserir *é* entre essa repetição, mas isto retira o traço de oralidade da narrativa. Sugere-se uma segunda alternativa, que não altera a narrativa do entrevistado e ainda assim preza pelo uso correto da gramática: transcreva o primeiro *que*

com acento circunflexo (quê), e dessa forma ele passa a ser um substantivo. Assim, a gramática concorda, na medida em que esse novo *quê* configura um substantivo em uma ação indefinida.

Exemplo: “O *quê* que eu vou fazer da vida?”

Quando for o caso de surgir palavras estrangeiras (qualquer que for a língua) no meio da narrativa, elas devem ser transcritas em *itálico*.

Quando a/o entrevistada/o utilizar algum neologismo de sua parte, ou mesmo algum entrevistador utilizá-lo, ele deve ser transcrito entre aspas.

Para comunicar uma alteração de humor, onomatopeia ou referência implícita ao contexto de gravação, é indicado o uso deste ato entre parênteses, descrevendo aproximadamente a cena ou som emitido. Nessa metodologia, os parênteses servem à função única e exclusiva de serem notas do autor da transcrição sobre a entrevista.

Exemplo: (risos)

Pode haver casos em que a fala da/o entrevistada/o ou entrevistador/a estará de difícil compreensão. Nesse caso, coloque entre parênteses o termo inaudível e, se possível, indique uma marca de tempo do áudio para que esse momento possa ser revisitado em uma revisão ou para consultar quem esteve presente no momento.

Utilizar o símbolo “(?)” quando houver uma palavra desconhecida para que algum membro do grupo que esteve presente, ou a/o própria/o entrevistada/o, confirme a palavra. Se possível, durante a primeira versão da transcrição, apontar os minutos da gravação para facilitar o acesso.

Quando terminar de transcrever, confira a ortografia, gramática, coerência e coesão do texto, e se possível, leia e revise o que escreveu.

Quarto passo – Revisão de Transcrição; Alterações nas edições e alguns casos corriqueiros de edição/revisão.

Criar um arquivo intitulado *borrão 1 entrevista com fulana, versão sigilosa* para manter a primeira versão transcrita. Essa versão não será publicada e terá em vista a finalidade de possível pesquisa dentro do campo da lingüís-

tica no arquivo de transcrição bruta. O arquivo novo criado terá como objetivo acolher as edições necessárias. O intuito da revisão é conferir o primeiro trabalho de transcrição ao checar erros técnicos, podar alguns vícios de linguagem, conferir o uso correto da gramática e qualquer outra alteração que venha a ser necessária, sendo esta versão revisada utilizada para a primeira consulta ao entrevistado, no caso de verificação da narrativa. Sugere-se também que o revisor não tenha trabalhado no processo de transcrição, evitando manter os erros, caso existam. Durante esse trabalho, também pode ocorrer a necessidade de conferir novamente o áudio da entrevista, a fim de resolver alguns problemas de incerteza sobre grafias, momentos em que o áudio estaria inaudível e confirmar a intenção e coesão da fala do/a depoente em dado momento.

Alterações nas edições: No caso de uma leitura coletiva ou revisão individual por parte do depoente, deve ser indicada uma breve nota sobre esse momento em um segundo tópico, após a indicação da autoria.

Modelo de registro dos autores das revisões
A leitura coletiva foi desenvolvida por Eliane Böhr e Marlene Oliveira Raitz. Nesse momento alguns detalhes foram alterados a pedido da entrevistada. * <i>*texto reproduzido das produções da Pesquisa Memórias Múltiplas e o Patrimônio Cultural em rede: o desafio (auto)biográfico diante da ameaça da perda.</i>
Ou ainda A leitura de revisão da primeira transcrição foi realizada pela entrevistada Paula Kifoury e pela entrevistadora Raquel ALS Venera. Nesse momento alguns detalhes foram alterados a pedido da entrevistada. * <i>*texto reproduzido das produções da Pesquisa Memórias Múltiplas e o Patrimônio Cultural em rede: o desafio (auto)biográfico diante da ameaça da perda.</i>

Indicar o trabalho de limpeza de vícios de linguagem (como o né, tá, assim, tipo, etc.), acréscimo de palavras entre parênteses que ajudam a entender o contexto e a formatação do texto, correções ortográficas para conferir o uso correto da gramática e o corte, se houver, de algumas expressões ou palavrões a pedido da/o depoente.

Modelo

Formatação final do texto por Raquel ALS Venera e Eliane Böhr. Nesse momento foi feita uma limpeza dos cacoetes da fala, um acréscimo de palavras entre parênteses que ajudam no entendimento do contexto e a formatação do texto. Em alguns casos os cacoetes foram mantidos como o ‘ah, tá!’, ai ou daí. Foram mantidas também as construções das frases e o estilo da oralidade. Em itálico estão pequenas sínteses ou conversas de acontecimentos no entorno da entrevista. Em alguns casos, a pedido da entrevistada, as palavras menos indicadas, como palavrões ou expressões mais populares, foram trocadas por outras expressões mais aceitas socialmente. Nesses casos, mantemos o itálico para marcar a intervenção da edição. *

**texto reproduzido das produções da Pesquisa Memórias Múltiplas e o Patrimônio Cultural em rede: o desafio (auto)biográfico diante da ameaça da perda.*

Alguns casos corriqueiros de edição/revisão: Altera-se a grafia nos casos: pra-para; pro-para o; vamo-vamos; cê-você; tava-estava; ta-está; to-estou; taria-estaria; tamo-estamos; num-em um, ou outras variações como as mesmas características, como dum-de um

O né transforma-se em não é?, se usado no sentido de confirmar algo com o entrevistador ou alguém presente no local de gravação.

As palavras *assim* e *tipo* são mantidas apenas quando indicar um modo de como algo foi realizado ou o jeito de alguma coisa ou pessoa. Checar todas as marcações referentes às falas inaudíveis e palavras com incerteza de grafia.

Com a transcrição realizada, revisada e autorizada pelo/a entrevistado/a, há uma fonte secundária à fonte audiovisual, que também poderá ser publicada.

➔ Cuidados com a criação do acervo digital

Os acervos produzidos na pesquisa serão digitais. No entanto, é preciso cuidar para a nominação dos arquivos e pastas salvas para que todos os envolvidos na pesquisa consigam se localizar apenas com o enunciado de cada arquivo. Abaixo segue uma formatação para o sumário de arquivos, que deve ser seguido por todos. Assim, quando juntas, todas as entrevistas comporão a coleção em uma mesma linguagem.

A coleção terá uma pasta geral com letras maiúsculas “PESQUISA ABEH”. Essa pasta estará subdividida a partir dos dois momentos da pesquisa: “Entrevistas 1980-1990” e “Entrevistas 1980-2000”.

PESQUISA ABEH

Entrevistas 1980-1990

Entrevistas 1980-2000

Cada pasta deverá conter as subpastas com o nome das entrevistadas em letras maiúsculas, por exemplo:

PESQUISA ABEH

Entrevistas 1980-1990

HELENICE CIAMPI

MARCOS SILVA

Em cada pasta de um/a entrevistado/a, as subpastas serão organizadas por sessões de entrevistas. Se uma entrevista durar mais de uma sessão, uma subpasta deverá ser criada para cada sessão, com data, dia, mês e ano, por exemplo:

PESQUISA ABEH

Entrevistas 1980-1990

HELENICE CIAMPI

1a ENTREVISTA xx-xx-2021

Dentro da pasta de cada entrevista deve conter tudo que foi coletado naquela entrevista. As pastas deverão levar o nome do equipamento utilizado para a coleta. Isso facilita os trabalhos que o pesquisador terá quando citar os dados técnicos. Por exemplo, se a entrevista foi realizada utilizando uma câmera fotográfica, no nome da pasta fica a marca do equipamento e entre parênteses o profissional responsável por aquela captura. Por exemplo:

PESQUISA ABEH

Entrevistas 1980-1990

HELENICE CIAMPI

1a ENTREVISTA xx-xx-2021

CANON EOS RS3 (POR MARCELLA) ou

DELL INTEL CORE i7/GOOGLE MEET (POR JULIANA)

Essa pasta deverá conter apenas o material audiovisual coletado naquela data. Se o áudio for coletado separadamente, ele deve integrar essa pasta, mas ser separado em uma subpasta “AUDIO”. O nome do arquivo deve ser a abreviatura do nome da entrevistada com as 3 primeiras letras do nome seguido da letra *a* minúscula, por exemplo:

HELENICE CIAMPI

1a ENTREVISTA xx-xx-2021

CANON EOS RS3 (POR JULIANA ANDRADE)

ÁUDIO

HEL.a. xx-xx-2021.01

HEL. é a sigla para Helenice; a sigla *a.* indica que é um áudio; a data da gravação e a os algarismos *01, 02* servem para indicar a sequência do áudio.

No caso de haver capturas de audiovisual por mais de um equipamento, os arquivos devem estar separados e relacionados ao equipamento utilizado. Abra uma nova pasta com o nome do segundo equipamento e novamente repita a ordem dos arquivos.

O nome dos arquivos dos vídeos deve seguir a mesma lógica, por exemplo:

HELENICE CIAMPI

1a ENTREVISTA xx-xx-2021

CANON EOS RS3 (POR JULIANA ANDRADE)

VÍDEOS

HEL.jul.CANON 7 D. v. 01

HEL.jul.CANON 7 D. v. 02

HEL.jul.CANON 7 D. v. 03

Conforme já explicitado, *HEL.* é a sigla para HELENICE, *jul.* é a sigla para Juliana (crédito da captação do vídeo); *Canon 7D* corresponde ao equipamento utilizado; a sigla *v.* indica que é um vídeo; e os algarismos *01, 02, 03* demonstram a sequência de imagens.

Se durante a entrevista houver doação de imagens, elas devem ser organizadas em uma pasta separadamente. Pode acontecer de o/a entrevistador/a fazer fotos de registros das entrevistas. É preciso separar as duas naturezas de fotografias dentro da mesma pasta. Crie uma subpasta “FOTOGRAFIA” e as fotos organizadas da seguinte forma:

HELENICE CIAMPI

1a ENTREVISTA xx-xx-2021

CANON EOS RS3 (POR JULIANA ANDRADE)

FOTOGRAFIAS

HEL.jul.CANON 7 D. 01

HEL.jul.CANON 7 D. 02

HEL.jul.CANON 7 D. 03

Assim, *HEL.* é a sigla para HELENICE; *jul.* é a sigla para Juliana (fotógrafa/crédito); *Canon 7D* representa o equipamento utilizado; e os algarismos *01*, *02*, *03* representam a sequência de imagens.

As imagens cedidas deverão ser registradas em um formulário com dados e detalhes do conteúdo da imagem, e farão parte de outra subpasta dentro da pasta “FOTOGRAFIAS”, como no exemplo abaixo.

1a ENTREVISTA xx-xx-2021

CANON EOS RS3 (PORJULIANA ANDRADE)

FOTOGRAFIAS

IMAGENS CEDIDAS

HEL.c. 01

HEL.c. 02

HEL.c. 03

Portanto, *HEL.* é a sigla para HELENICE e *c.* indica imagens cedidas; os algarismos *01*, *02*, *03* numeram a sequência de imagens. O mesmo procedimento segue para cada ficha de imagens cedidas:

FICHAS IMAGENS

Ficha HEL.c. 01

Ficha HEL.c. 02

Ficha HEL.c. 03

O nome do arquivo de cada ficha deve ser igual ao da imagem antecedido pela palavra *Ficha*.

Preferencialmente, guardar digitalmente os arquivos em nuvens de sistemas de informação públicos para manter a soberania e a segurança dos dados coletados. Além do arquivo em nuvem, criar acervos físicos em *Hard Disk* HDs, nos laboratórios envolvidos.

Nota: Desdobramentos – ética, estética e poéticas das memórias sensíveis

O objetivo dessa nota é comunicar a decisão do coletivo de pesquisadores diante do primeiro desafio da pesquisa – a que resolvemos nomear *memórias sensíveis*. Portanto, este texto está escrito na segunda pessoa do plural. Ainda na fase inicial de investigação, diante dos critérios de inclusão escolhidos, que compreende o recorte temporal na primeira fase de 1980 a 1990; e na segunda fase, 1990 até 2000, nos esforçamos na pesquisa dos autores registrados nos Anais dos Simpósios da Anpuh e nos registros dos *Encontros dos Pesquisadores do Ensino de História*. Buscamos textos que nos evidenciassem interesses no Ensino de História dos seus autores. Recorremos aos periódicos científicos disponíveis digitalmente e a bibliografias que se tornaram referências no campo.

Decidimos por trabalhar a primeira fase de 1980 a 1990 e, dessa lista preliminar, também recorremos ao currículo lattes das autoras, a maioria mulheres, e constatamos que havia três grupos de colegas envolvidos com o Ensino de História nesse período. Tivemos colegas que se envolveram em eventos científicos, e seus nomes estão registrados em trabalhos que dialogam com o Ensino de História. No entanto, os currículos revelam a esporadicidade dessas atividades e uma dedicação maior em pesquisas históricas com temas diversos. Observamos um segundo grupo que, de igual maneira, seus membros contribuíram com o campo como professores de História, mas sem regularidade na pesquisa e ou na formação do campo. Ainda identificamos um terceiro grupo de colegas que estiveram sistematicamente envolvidas no Ensino de História como campo de pesquisa e produção de conhecimentos: na História da Educação, notadamente na história do ensino de História, mas especialmente com a Didática da História; como se aprende e como se ensina sobre o tempo histórico, as ações das pessoas no tempo; como se avalia

o aprendizado histórico; como acontece a consciência histórica em espaços escolares; formação dos professores; construção do currículo de História; os livros didáticos, entre tantos outros temas. Revisitamos o conceito de campo em Bourdieu (1980), e assumimos esse terceiro grupo como o recorte de inclusão da pesquisa.

Nesse ato, deparamo-nos com um desafio: algumas dessas pessoas não estão mais entre nós ou foram acometidas por adoecimentos e comprometimentos de memória. Indiscutivelmente, são mulheres que imprimiram seus nomes no Ensino de História, mas também suas defesas políticas, seus desejos de futuros para o campo. Na medida em que as primeiras entrevistas foram sendo realizadas, confirmou-se essa importância observada nos periódicos pesquisados. Elas são repetidamente citadas e lembradas como fundamentais para a criação do Ensino de História como campo de pesquisa. Suas ausências marcam, nas pessoas que conviveram com elas, não apenas saudades, mas paradoxalmente uma presença. Suas vozes, orientações, defesas políticas da História e da Educação escolar fazem com que elas permaneçam, de alguma forma, nas performances das gerações que atuam no campo. Uma presença-ausência que decidimos chamar de *memórias sensíveis*.

Resumindo, chamamos de *memórias sensíveis* aquelas que queremos acionar, mas não nos chegam diretamente pelas entrevistas com os sujeitos que viveram as experiências, porque eles estão ausentes – ou por morte ou adoecimento neurológico. Entendemos que existem questões específicas da ética na pesquisa que precisarão de atenção especial nesses casos, e o nome *memórias sensíveis* pretende dar conta de comunicar nossa compreensão sobre a delicadeza da questão.

É fato que as ferramentas que dispomos nesta pesquisa não nos permitem acessar essas memórias, mas não abdicamos do nosso dever de coletá-las e organizá-las. Entendemos que se trata de outro projeto, com recorte diferente e outras metodologias, ainda em discussão. Essa nota tem, portanto, o objetivo de comunicar aos nossos leitores que temos consciência sobre a importância dessa demanda, e estamos em um processo de reflexão para tomadas de decisões posteriores que se desdobrarão desta pesquisa.

No entanto, o título dessa nota traduz um pouco da tendência do caminho que tomará essas reflexões. Ética, estética e poéticas das memórias sensíveis trazem a dimensão do nosso desafio. A ética, já citada anteriormente, tem sido trabalhada por historiadores que praticam a História Oral e ou pesquisas biográficas. O interesse pela vida alheia parece ser ponto alto das produções e consumos dos tempos atuais, mas o que interessa aos historiadores a memória da vida das pessoas? Desde os historiadores da *École des Annales*, como Febvre, por exemplo, que se tem defendido que a riqueza das biografias é a evidência do encontro entre aspirações individuais e coletivas. Nas palavras de Febvre (1953, p. 211), “o indivíduo é aquilo que lhe permitem ser sua época e seu meio social”. Esse entendimento direciona o fazer ético do historiador que pesquisa a vida dos outros. Benito Bisso Schmidt (2014, p. 142), destaca que, “na história, o que guia os passos da investigação e estabelece o que deve ou não ser narrado são problemas de pesquisa com relevância histórica, que podem ser respondidos pelos métodos dessa disciplina, e no caso da biografia histórica isso não é diferente”.

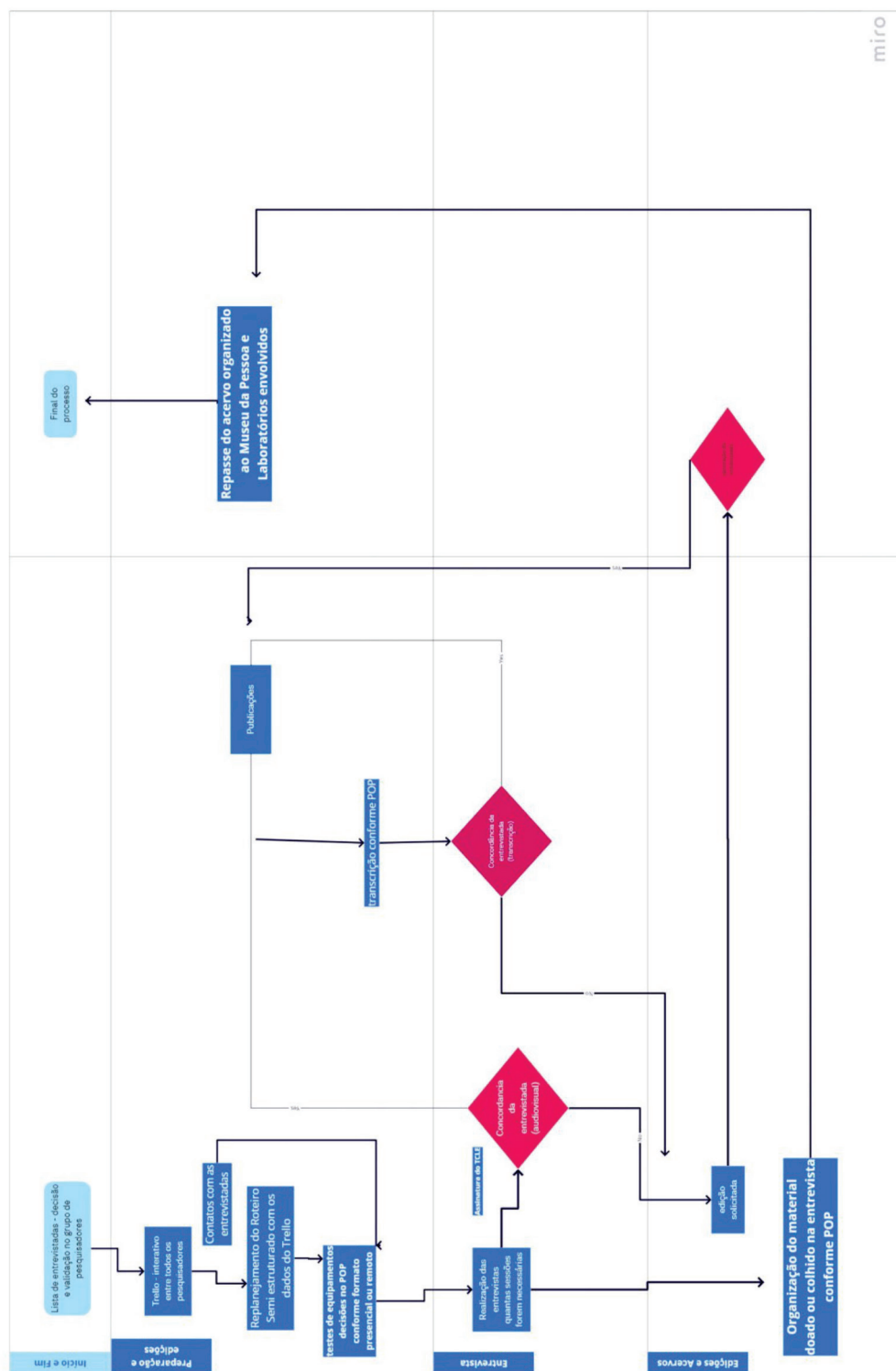
Uma vez decidida essa escolha ética do campo da pesquisa histórica, nesse caso, das *memórias sensíveis*, pretendemos acessá-las pelas memórias de terceiros, com percepções pessoais sobre a vida da pessoa ausente. Mesmo que retrospectivamente, essas memórias serão ressignificadas e reelaboradas, mas se trata de uma criação narrativa estética. São capturas reflexivas de percepções sobre uma experiência vivida com a pessoa lembrada que está, hoje, ausente. São percepções direcionadas por uma ética do campo, em relações de trabalho, parcerias, orientações e ativismos, mas sobretudo percepções muito pessoais que também têm articulações com a vida da pessoa que narra. A memória, quase que *por procuração*, exige escuta atenta para perceber as camadas entre quem narra e sobre quem narra – uma experiência estética.

Para Ricoeur (2010, p. 103, grifo do autor), “narrar já é ‘refletir sobre’ os acontecimentos narrados”. Em outras palavras, refletir sobre as percepções de uma experiência trata-se de um gesto poético, um fazer a si mesmo a cada vez que a mesma experiência poderá ser narrada. O narrador estará duplamente envolvido em um protagonismo porque, ao mesmo tempo que oferece uma narrativa esteticamente complexa, poderá fazer dela uma experiência poética.

Gostaríamos que, aquilo a que se chama *coleta de dados* em outras pesquisas mais objetivas, nesta, com as *memórias sensíveis*, pudesse ser uma homenagem a essas mulheres presentes na ausência. Que cada memória narrada fosse uma experiência estética para quem vai ouvir e, retrospectivamente, para que o narrador pudesse ser também uma poética de si. Afinal, narrar experiências com professoras marcantes é, por si, refletir sobre um fazer-se docente, um torna-se outro a cada narrativa.

Ética, estética e poética serão um eixo de reflexão para os desdobramentos futuros, das decisões vindouras acerca das *memórias sensíveis*.

➔ APÊNDICE A – Fluxograma das Atividades dos Entrevistadores



➔ APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidada/o a participar, como voluntária/o, de uma pesquisa desenvolvida por um grupo de pesquisadores vinculados à *Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH)*. A História de vida narrada por você será fundamental para a elaboração de uma rede de histórias semelhantes à sua. O objetivo da pesquisa é *coletar, organizar e consolidar um acervo em rede, aberto e interativo, de Histórias de Vidas de pesquisadoras/es do campo do Ensino de História*. Sua história será muito importante para compor esse acervo de histórias que ficará online na rede de Histórias de vida do *Instituto Museu da Pessoa*; do *Laboratório de História Oral (LHO)* da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE); do *Laboratório de Ensino e Aprendizagens Históricas* da Universidade Federal do Ceará (UFC); do *Observatório de História e Geografia e Laboratório Pedagógico da Faculdade de Educação (LAPED)*, ambos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Os materiais gerados no ato de entrevista serão disponibilizados à livre consulta nos endereços dessas instituições. Você terá a liberdade de se recusar a responder perguntas que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza, também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, bem como, caso seja do seu interesse e mencionado ao pesquisador, terá livre acesso aos resultados do estudo. Destacamos que a sua participação nesta pesquisa é opcional e representa riscos ou desconfortos mínimos. Em caso de recusa ou de desistência em qualquer fase da pesquisa, você não será penalizada/o de forma alguma. A sua participação se constituirá de suma importância para o cumprimento do objetivo da pesquisa, e os benefícios serão de âmbito cultural, acadêmico e profissional para os campos do Ensino de História. Você será esclarecida/o sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar, e trataremos da sua identidade com padrões profissionais; ou seja, você será sempre ouvida/o. As entrevistas serão gravadas em áudio e vídeo e posteriormente transcritas, observando as orientações técnicas do método da História Oral. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito, oralmente, ou ainda em forma audiovisual em con-

gressos, periódicos científicos e eventos promovidos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, ou em atividades culturais. Em caso de dúvida, você poderá procurar a pesquisadora responsável por esta pesquisa, Raquel ALS Venera, pelo telefone (47) 996130713. Se preferir, você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Bloco B, sala 17. Após ser esclarecida/o sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em três vias. Uma delas é sua; outra é do/a pesquisador/a que entrevistou você; e a outra ficará sob a guarda da pesquisadora responsável.

CONSENTIMENTO

Eu, _____, acredito ter sido suficientemente informada/o e concordo em participar como voluntária/o da pesquisa descrita acima.

XXXXX, ____ de _____ de 20xx.

Participante

Pesquisadora Dra. Raquel ALS Venera

➔ APÊNDICE C – Autorização para Uso de Imagem

Eu, _____, abaixo assinado(a), autorizo, nos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, em seu capítulo X, art. 5, à Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) a utilizar minha imagem e/ou voz, diante da aprovação do material apresentado, em qualquer mídia eletrônica, falada ou impressa, bem como autorizar o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização dessas imagens será para fins da pesquisa ***Histórias de vidas e memórias de Pesquisadoras/es do Ensino de História***. O objetivo é organizar e consolidar uma ampla rede de Histórias de Vida e memória de pesquisadoras/es do Ensino de História.

Assinatura: _____

_____, ____ de _____ de 20____.

➔ APÊNDICE D – Formulário de Dados da/o Entrevistada/o e da Entrevista

DADOS PESSOAIS	
Nome da/o entrevistada/o:	
Número da entrevista: (1º, 2º... ordem da entrevista no projeto)	
Endereço:	
Bairro:	
Cidade:	Estado:
Telefone:	
E-mail:	
Data de nascimento: __/__/____	
Cidade de nascimento:	Estado:
DADOS PROFISSIONAIS	
Atividade atual: (informar se é aposentado)	
Se aposentado, última instituição que trabalhou:	
SOBRE A ENTREVISTA	
Nome das/os entrevistadoras/es	
Data da entrevista: (se houve mais que um encontro, registrar todas as datas)	
Entrevista foi: () presencial () remota	
Suporte: () áudio () vídeo () videoconferência	
Se foi presencial, indicar	
Local:	
Equipamentos utilizados:	

Se foi remota, indicar os recursos tecnológicos utilizados durante a entrevista (plataformas, software, contatos pelo telefone, WhatsApp, entre outros):

Registre o contexto da entrevista, como ela foi combinada, como estava o local e outros dados que possam contribuir com informações complementares à fonte:

Resumo do depoimento: (descreva uma ementa que facilite a organização do acervo e suas palavras-chave)

➔ APÊNDICE E – Registro de Fotografias e Imagens

Nome da/o entrevistada/o:	
Número: (indicações do item 2.2.4 do POP)	Data:
Título:	
Tipo: () foto () documento () desenho () objeto	
Local:	
Nome dos personagens (da esquerda para a direita):	
(inserir imagem)	
História da Imagem:	
Fotógrafo:	
Observações:	
Pesquisador:	
Data:	

➔ APÊNDICE F – Aprovação da Entrevista Oral

Declaro que participei de uma entrevista de História Oral de vida com os pesquisadores XXXXXX e XXXX, recebi os arquivos audiovisuais gerados e aprovo seu conteúdo para posteriores ações de pesquisa, comunicação científica e atividades culturais do Ensino de História.

Local xxxxx e data xxxx.

Assinatura da/o entrevistada/o



Referências

ALBERTI, Verena. História Oral: aprendendo e vivendo, na teoria e na prática. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; MESSIAS, Mais Cláudia Novaes. (Orgs.). **Clio-Psyché. Resistências: Ciências e Política na História da Psicologia**. Curitiba: CRV, 2020. p.p 1-49 (Coleção História, Psicologia, Sociedade)

_____. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassaneri. (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ANSART, Pierre. História e Memória dos ressentimentos. In: BRESCHIANI, S.; NAXARA, M.(Org.). **Memórias (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001.

BLOCH, Marc L. B. Apologia da História, ou, O ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, E. **O tempo vivo da Memória**. Ensaio de psicologia Social. 2. ed. São Paulo: Editorial, 2003.

_____. Memória e Sociedade: lembrança dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

BRECHT, Bertolt. Poemas 1913-1956. 7. ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2012.

Organização de Paulo César de Souza

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CERRI, L. F.; MARTINS, M. do C. (org.). **III Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História**. Campinas: Gráfica da FE/Unicamp, 1999. (Editoração/Anais).1999.

COUTINHO, Eduardo. Na altura do outro. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez. (Coord.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de SP, 2006.

DINES, Alberto. Em busca do Outro: biografias e Histórias de Vida. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez. (Coord.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de SP, 2006.

DOSSE, François. **O desafio Biográfico**. Escrever uma vida. São Paulo: USP, 2009.

FEBVRE, Lucien. Histoire et psychologie. In : **Combats pour l'histoire**. Paris : Armand Colin, 1953 .

FREUD, S. A «fause reconnaissance» («Déjà raconté») **durante a psicanálise**. In: _____, Obras completas volume X. Rio de Janeiro: Delta [?-20] a.

_____. **Recorda-se, repetir e elaborar**. In: _____, Obras completas volume X. Rio de Janeiro: Delta [?-20] b.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. 5.ed. Campinas: Unicamp, 2003.

MUSEU DA PESSOA. **Tecnologia Social da Memória**. Para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. São Paulo: Museu da Pessoa, 2009.

PESAVENTO, Sandra J. Ressentimento e Ufanismo: sensibilidades do sul profundo. In: BRESCHIANI, S.; NAXARA, M.(Org.). **Memórias (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001. POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. A configuração do tempo na narrativa de ficção. v. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SANTIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância**. Anos 90, Porto Alegre, v. 27, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O Discurso das Ciências**. Porto: Afrontamentos, 1985.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História**, v. 33, n. 1, p. 124-144, jan/jun, 2014.

SIDEWAYS. Entre umas e outras. Direção Alexandre Payne. Produção Fox Searchlight Pictures. 2004. DVD 126 minutos.

SZYMCZAK, Maureen Bartz. Histórias de vidas e patrimônio cultural: desafios do museu da pessoa. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade. Joinville: UNIVILLE, 2018.

THOMPSON, Paul. Histórias de vida como Patrimônio da Humanidade. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez. (Coord.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de SP, 2006.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena; NART, Gustavo Henrique Cardoso; MEDINA, Bruna de Souza. **Procedimento Operacional Padrão da pesquisa Memórias Múltiplas e Patrimônio Cultural em rede: o desafio (auto)biográfico diante da ameaça da perda.** (Material de uso restrito no laboratório de História Oral), Joinville: Univille, 2018.

WORCMAN, Karen. A história oral e a experiência do Museu da Pessoa. In: MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). **Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana.** São Paulo: Edições SESC SP, 2007.



Apresentação das/os autoras/es

Coletivo de autoras/es:

Aléxia Pádua Franco

Historiadora com mestrado, doutorado e pós-doutorado em Educação. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU). Docente nos cursos de Pedagogia, modalidade presencial e a distância, e de Jornalismo. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFU) e orientadora de Mestrado e Doutorado na linha de pesquisa *Saberes e Práticas Educativas*. Professora do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da UFU e orientadora de pesquisas na linha *Saberes históricos no espaço escolar*. É membro do GEPEGH/UFU (Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de História e Geografia). É associada da Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH) da Associação de Pesquisa em História (ANPUH) e da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED). Faz parte da equipe do Observatório de Ensino de História e Geografia (<https://obser->

vatoriogeohistoria.net.br/sobre/) e do Portal do Bicentenário (<https://portaldobicentenario.org.br/>). Desenvolve pesquisas sobre ensino de História, cultura digital, materiais didáticos e artefatos culturais em suas interfaces.

Arnaldo Pinto Junior

Licenciado e Bacharel em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)/Unicamp, mestre e doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)/Unicamp. Docente da Faculdade de Educação da Unicamp, integra a Linha de Pesquisa *Educação e História Cultural*, atuando no corpo permanente do PPGE e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, junto ao Departamento de História do IFCH. Atualmente participa da Diretoria da *Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH)* (gestão 2022-23), coordena o *Espaço de Apoio ao Ensino e Aprendizagem [ea]*², lidera o Grupo de Pesquisa *Memória, História e Educação* e participa do Grupo de Pesquisa *Kairós: Educação das Sensibilidades, História e Memória*.

Augusto Ridson de Araujo Miranda

Augusto Ridson de Araújo Miranda é licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL), além de Especialista em Metodologias do Ensino de História, Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi Coordenador do GT de Ensino de História da ANPUH CE entre 2016 e 2020 e é membro eleito da diretoria da Associação Brasileira do Ensino de História (ABEH) para o biênio 2022-2023. Professor efetivo de História na rede estadual pública cearense, atualmente está lotado como técnico de assessoramento pedagógico na Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Atua

como pesquisador nas áreas de Formação de Professores; Didática da História; e História do ensino de História.

Bruna de Souza Medina

É historiadora e professora. Formada em História pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), onde fez também o mestrado em *Patrimônio Cultural e Sociedade*. Professora da rede estadual de Santa Catarina, desenvolve pesquisas na área de (auto)biografia, história oral de vida, mulheres e educação. É membro do Grupo de Pesquisa *Subjetividades e (auto)biografias*.

Cristiano Nicolini

Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – 2019), na Linha de Pesquisa *Cultura, Migrações e Trabalho*, com período de Doutorado Sanduíche na Universidade do Porto, Portugal (2018-2019). Possui Mestrado em *Desenvolvimento Regional* pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC – 2013), Especialização em *História do Brasil – Novas Perspectivas em Ensino e Pesquisa* pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC – 2006) e Licenciatura em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS – 2003). Professor de *Estágio Supervisionado e Didática da História* na Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH UFG) e do ProfHistória (UFG). Tem experiência nas áreas de *História e Ensino de História*, atuando principalmente nos seguintes temas: narrativas, identidade regional, História Regional, Educação Histórica, História e Memória. Líder do AprendHis: Grupo de Pesquisa e Estudos em Aprendizagem Histórica. Filiado à ABEH.

Erinaldo Cavalcanti

Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará (UFPA)/Belém. Tem Doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com Estágio Doutoral (Programa de Doutorado Sanduíche – PDSE/Capes) pela Universidad General San Martin em Buenos Aires, Argentina. É autor de dois livros didáticos e vários livros acadêmicos, além de diversos artigos publicados em revistas especializadas no Brasil, Espanha, Argentina, Colômbia, Venezuela, México e Costa Rica. Coordena o grupo de pesquisa *Interpretação do Tempo: ensino, memória, narrativa e política* (iTemnpo – CNPq), e atua principalmente nos seguintes temas: Teoria; Ensino de História, Livro Didático e Formação Docente. Foi Diretor de Pós-Graduação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) de janeiro de 2018 a outubro de 2020. Diretor da Associação Brasileira de História Oral – Regional Norte (Biênio 2018/2020) e segundo secretário da Diretoria Nacional da ABHO (Biênio 2020-2022). É um dos idealizadores e criadores da Red Panamazónica para la Formación y Enseñanza de la Historia (REPAMFEH). É professor permanente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST)/Unifesspa (Mestrado acadêmico).

Gustavo Henrique Cardoso Nart

É professor de História da Educação Básica e membro do Grupo de Pesquisa *Subjetividades e (auto)biografia* da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Foi bolsista de iniciação científica do grupo durante os anos de 2017 a 2021. A partir da coleta de entrevistas com sujeitos de pesquisa, foi um dos autores do *Procedimento Operacional Padrão* (POP) desenvolvido para o trabalho com transcrições e organização dos acervos de Histórias de Vida.

Jacqueline Zabarto

Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) no curso de História/Faculdade de Ciências Humanas (FACH), no Programa de Pós-Graduação em Educação – Campus Três Lagoas (PPGEDU/CPTL) e no ProfHistoria na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Coordena o grupo de pesquisa *Ensino de História, Mulheres e patrimônio* (CNPq). Pesquisadora do Centro de Investigação Transdisciplinar, Cultura Espaço e Memória (CITCEM) da Universidade do Porto. Pesquisa sobre História e ensino, museus e mulheres, patrimônio e história, memória e história.

Juliana Alves de Andrade

Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 2014. Desde 2007 pertence ao Corpo Docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), atuando nos cursos de Licenciatura em História e Pedagogia. É professora do Programa de Pós-Graduação em História (UFRPE) e do Mestrado Profissional em Ensino de História-ProfHistória (UFPE/UFRPE), com experiência na área de História e Educação, com ênfase em História do Brasil e Ensino de História, atuando nos seguintes temas: Ensino de História e História Pública, Aprendizagem Histórica no espaço Escolar, História do Ensino de História e Avaliação da Aprendizagem. Tem experiência com avaliação institucional de livros didáticos de História, pelo Programa Nacional do Livro Didático- PNLD (2015-2018) e com Políticas Públicas voltadas para a formação inicial de professores no PIBID (2014-2018) e no Residência Pedagógica (2018-2020). Atualmente, coordena o Grupo de Pesquisa intitulado: Núcleo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Culturas-NEPHECs.

Nadia Gaiofatto Gonçalves

Licenciada e Mestre em História (Universidade Estadual Paulista – Unesp/Assis), Doutora em Educação (Universidade de São Paulo – USP) e Pós-doutora em Educação (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ). Docente do Departamento de Teoria e Prática de Ensino do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História, e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenadora do Projeto de Extensão *Ensino de História: diálogos e possibilidades*.

Contato: nadiagg@ufpr.br

Raquel Alvarenga Sena Venera

Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Campinas (Unicamp) e mestrado em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Licenciada e Bacharel em História pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali – SC). Fez pós-doutorado em Educação na Université Lille 3, França. Atualmente é coordenadora do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade e professora do Curso de História, ambos da Univille em Joinville, SC. Atua como docente nas disciplinas *Memória e Identidade*, *Estudos Avançados em Memória, Linguagem e Identidade*, *Seminários de Produção Científica (II, III e IV)*, *Seminários de Tese III* e *Desafios de Educação Patrimonial no stricto sensu*. Leciona igualmente, no curso de graduação em História, as disciplinas *Metodologia do Ensino de História*, *Introdução aos Estudos da História* e *Saberes Históricos e Cultural Escolar*. Como pesquisadora, atua na linha de pesquisa *Patrimônio, Memórias e Linguagens* e é líder do Grupo de Pesquisa *Subjetividades e (auto)biografias*.

Sonia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley

É jornalista e professora/historiadora, formada respectivamente pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ-1979) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-1983). Fez mestrado e doutorado em História Social na Universidade Federal Fluminense (UFF- 1995 e 2005). Atualmente é professora titular de Ensino de História do Instituto de Aplicação (CAp) da UERJ. Também é professora do Pro-História/UERJ e do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHS)/UERJ. Participa dos grupos de pesquisa *Oficinas de História* (interinstitucional), Laboratório de Estudos das Diferenças e Desigualdades (LEDDES – UERJ), onde é coordenadora da linha de pesquisa *Narrativas Contemporâneas de História*, e Laboratório de Ensino de História do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira CAP. Atualmente é diretora do Centro de Tecnologia Educacional – CTE/UERJ.

A BUSCA DO OUTRO E DE NÓS

UM PROJETO
DE HISTÓRIA ORAL
PARA O CAMPO
DO ENSINO
DE HISTÓRIA



ABEH

Associação Brasileira de Ensino de História

ISBN:978-65-992865-3-7



9 786599 286537 >